

# Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira  
Proprietária: Casa Publicadora Angolana  
Redacção e Administração: Missão Adventista  
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo  
Lépi

NÚMERO AVULSO . . . . . 2\$00  
ASSINATURA ANUAL . . . . . 20\$00

Ano V — Número 53

Maio de 1967

## AGORA

*Se consideras teu trabalho ingrato,*

*Faze-o agora*

*O céu de hoje é puzo, azul e clazo,*

*Pode amanhã o Sol tornar-se avazo;*

*Não poderás mais "Ontem" praticar um acto:*

*Faze-o agora.*

*Se tens algo a cantar, pois canta agora.*

*Canta a alegria que a harmonia gera.*

*Pura como a dos pássaros na primavera.*

*Cada dia canta e em cada hora.*

*Se tens palavras doces a dizer, singelas,*

*Dize-as agora.*

*Pode ser que amanhã não mais te lembres delas.*

*Dize-as brandas, suaves, belas,*

*E dize-as sempre, pela vida fora.*

*Se tens prazer em dar-nos um sorriso*

*Contagioso, pois sorri agora;*

*Revela-nos dessarte, sem demora,*

*A doce calma que em teu peito mora;*

*E instalarás ao teu redor o paraíso.*

Jorge César Mota

# Da Incredulidade para a Crença no Espírito de Profecia

por Artur L. White

«Crede no Senhor vosso Deus e estareis seguros; crede nos Seus profetas e sereis prosperados». II Cron. 20:20.

Cada cristão em sua própria experiência pessoal deve determinar se crê ou não nos profetas de Deus. Cada adventista do sétimo dia deve responder em seu próprio coração às perguntas: Falou Deus por meio de Ellen G. White à Sua igreja remanescente? Como posso estar certo disso? Caso positivo, qual será a minha atitude para com os conselhos que vieram até nós por este meio em nossos dias?

O coração humano tem a inclinação natural para ser céptico, para manter uma certa reserva perante uma decisão quanto a manifestações que se apresentam como obra do Espírito de Deus. O apóstolo Paulo admoesta: «Não desprezeis as profecias. Examinai tudo; retende o bem». I Tess. 5:20, 21.

Não devemos ser abalados por pretensões que não são genuínas, nem podemos com segurança rejeitar manifestações verdadeiras do Espírito de Deus. O Senhor estabeleceu na Sua Palavra as regras pelas quais devemos aferir as pretensões de quem quer que diga falar em nome de Deus. Ao formular o nosso juízo devemos pesar cuidadosamente todas as evidências sobre o assunto.

Quando nos meados do quarto decênio do século XIX os adventistas tiveram no seu meio uma pessoa — uma donzela — que declarou ter-Se Deus comunicado com ela por meio de visões, enfrentaram uma situação que de maneira nenhuma esperavam. Cada crente viu-se na necessidade de tomar uma

decisão: O que ela dizia era verdade ou falsidade? Era ela dirigida por Deus ou estava sob a influência de Satanás? E então, como hoje, cada um teve de ajuizar de acordo com a evidência disponível. Ao serem levados da incredulidade para a fé, nem todos foram influenciados pelos mesmos factores. As evidências eram abundantes e, ao passo que um coração era inicialmente influenciado por um ponto, outro era influenciado por algo de diferente. Examinemos a experiência de alguns dos nossos crentes ao recuarmos até àqueles dias. A maior parte deles eram jovens, alguns pouco mais tinham do que vinte anos. Eles eram inquisitivos e cautelosos.

## A fé estabelecida no coração de J. N. Loughborough

João N. Loughborough, de 21 anos, de Rochester, New York, era um pregador leigo adventista que guardava o primeiro dia da semana. No verão de 1852, ajudado por J. N. Andrews, aceitou a mensagem do terceiro anjo, arrumou os compromissos que tinha com os seus antigos irmãos na fé, e uniu-se ao pequeno grupo de Adventistas do Sétimo Dia de Rochester. As reuniões de Sábado realizavam-se na ampla casa da Avenida Mount Hope, arrendada por James White para a tipografia e a residência dos obreiros. O pastor e a Sra. White encontravam-se em viagem nos estados da Nova Inglaterra na altura em que João estudou com o Pastor Andrews, mas ao regressarem no fim de Setembro ele encontrou-se com os White no culto de Sábado, culto esse em que declarou públicamente

a sua posição como observador do Sábado do quarto mandamento.

Foi convidado naquele mesmo dia a unir-se ao Pastor e à Sra. White na unção e oração a favor de Oswald Stowell, o tipógrafo, a quem o médico assistente tinha abandonado como caso desesperado. Stowel foi curado instantaneamente, e Ellen White, ajoelhada junto da cama, foi arrebatada em visão. Após a visão, ela contou àquele grupo algumas das coisas que acabavam de lhe ser reveladas. Podeis estar certos de que Loughborough ouviu com toda a atenção. Primeiro, relata, «ela falou para mim especialmente, delineando a operação da minha mente antes de abraçar a verdade, referindo-se até a pensamentos que não tinha expresso a ninguém». Falou também do tratamento que Loughborough tinha recebido de seus antigos irmãos de quem agora se separava. «Ao ouvir estas coisas de seus lábios,» declara ele, «dizia para mim mesmo: Certamente há um poder mais que humano relacionado com esta visão». (*Pacific Union Recorder*, 8 de Julho de 1909). Mas não era tudo. Acumulavam-se evidências sobre evidências que claramente decidiam o assunto na mente do Pastor Loughborough.

Enquanto falava acerca da visão, a Sra. White voltou-se para uma das senhoras que se encontravam no grupo de crentes, a qual com o seu marido tinha acabado de se decidir pela verdade, mas cujo marido estava então numa longa viagem de negócios.

«Eu vi-a em profunda perturbação», disse ela para a senhora, «e que não quer dizer a ninguém que perturbação é essa. Na presença das irmãs fica com a vista parada, não ousando falar de sua perturbação com receio de perder a vida. Foi-me dito para lhe dizer: Se confessar a sua dificuldade e pedir aos irmãos e irmãs que orem por si, o Senhor ouvirá a oração e repreenderá o poder de Satanás, e nunca mais terá essa perturbação». (*Pacific Union Recorder*, 15 de Julho de 1909).

Loughborough ouviu com toda a atenção. Quando a Sra. White acabou de se encontrar naquele dia com aquela senhora, ele sabia bem e estava familiarizado com o facto de que por vezes no grupo das irmãs ela tinha o aspecto muito triste e que ficava com a vista parada como se estivesse nalguma grande agonia. As irmãs, ansiosas por a auxiliar, tinham-lhe repetidas vezes pedido que revelasse a sua dificuldade; mas ela não dava nem sequer uma palavra de explicação. Ninguém sabia que ela se tinha intrometido com o espiritismo.

Agora a irmã White patenteava o mistério a todos, ao contar como, noite após noite, depois dessa senhora se retirar, uma aparição aparecia diante dela, e ela era informada pelo espírito de que se contasse a alguém seria sufocada até morrer.

Além disso, a irmã White contou ao grupo o que vira acerca de um homem que, enquanto viajava e se encontrava longe de casa, tinha muito a dizer acerca da lei de Deus e do Sábado, mas ao mesmo tempo estava transgredindo um mandamento de Deus. Era uma pessoa a quem ela nunca tinha encontrado, refere Loughborough, mas que ao ser-lhe revelado o seu caso ela cria que o veria algum dia. Loughborough nunca sonhou que pudesse ser alguém conhecido por ele.

Poucos dias depois da visão, reuniram-se alguns numa casa particular para uma pequena reunião. A Sra. Loughborough estava presente, e também a senhora que muitas vezes se sentava silenciosa e com a vista parada e a quem a Sra. White tinha falado depois da visão. Ela confessou que a sua experiência era a descrita pela Sra. White na sua mensagem que lhe deu coragem para confessar e que mesmo enquanto esta falava a aparição estava diante dela. Em resposta à fervorosa oração, foi libertada. Quão grata estava! Quão ansiosamente o jovem Loughborough tomou nota!

Umás cinco semanas depois, o marido voltou da sua viagem ao Michigan. Ao encontrar-se com os

crentes no Sábado, a irmã White disse a uma das irmãs: «Este é o homem que eu vi na visão de que lhe falei no primeiro dia em que me viu».

Pouco depois na presença deste homem e da sua esposa e de alguns amigos a Sra. White relatou o que lhe tinha sido mostrado acerca do homem que viajava, urgindo a verdade do Sábado, mas transgredindo um dos mandamentos. Então ela voltou-se para o homem e declarou em palavras que fizeram estremecer sua esposa: «Você é o homem». Ele livre e sinceramente confessou a transgressão do sétimo mandamento enquanto esteve em Michigan, no próprio dia da visão seis semanas atrás.

«Assim», declara Loughborough, «num período de poucas semanas deu-nos uma forte confirmação dos testemunhos. Não só fomos levados a dizer que essas visões eram produzidos por um poder sobrenatural, mas provinham de uma Fonte que em termos inequívocos reprovava os homens pelo pecado». (*Pacific Union Recorder*, 15 de Julho de 1909).

### O que convenceu José Bates

José Bates, o apóstolo da verdade do Sábado e membro mais velho do grupo dos pioneiros, a princípio não tinha fé nas visões dadas a Ellen Harmon (White).

«Não posso apoiar as visões da irmã White como sendo de inspiração divina», escreveu ele a um amigo, «como você e ela pensam serem... Penso que o que ela e você consideram como visões do Senhor, são apenas devaneios religiosos, em que a sua imaginação desliza sem controle sobre temas em que está muito profundamente interessada». (Citado em *A Word to the Little Flock*, pág. 22).

Mas pouco depois de escrever estas linhas, o Pastor Bates encontrava-se em Topsham, Maine, e estava presente quando a Senhora White

teve uma visão. Em breve ela começou a descrever certos corpos celestes que o Pastor Bates, como capitão do mar, tinha observado através do telescópio. Os presentes vigiaram com interesse a mudança de expressão que se observou no rosto de Bates. A medida que a Sra. White descrevia estrelas, planetas, galáxias, ele identificava o que ela estava contemplando em visão. Quando ela descreveu o Orion e o que parecia «os céus abrindo-se», o Pastor Bates, não podendo conter-se, exclamou excitado: «Oh quanto desejaria que Lord John Rosse aqui estivesse esta noite!

«Quem é Lord John Rosse?», perguntou o Pastor White.

«Oh», disse o Pastor Bates, «é o grande astrónomo inglês. Desejaria que ele aqui estivesse para ouvir esta senhora falar de astronomia, e ouvir aquela descrição dos céus abrindo-se. É mais avançado do que tudo quanto tenho ouvido acerca do assunto». (*Great Second Advent Movement*, pág. 258).

Ao recontar o incidente, a Sra. White relata que depois de terminada a visão, «o irmão Bates perguntou se eu tinha estudado astronomia. Disse-lhe que não me lembrava de jamais ter olhado para um livro de astronomia».

«Isto é do Senhor», declarou ele. Para ele esta foi uma prova convincente. (*Spiritual Gifts*, Vol. 2, pág. 83).

Alguns meses mais tarde, ao contar como foi levado da incredulidade para a fé, escreve:

«Vi-a em visão repetidas vezes, e também em Topsham, Maine, e os que estiveram presentes durante algumas dessas excitantes cenas sabem bem com que interesse e intensidade ouvi cada palavra e vigiei cada movimento para descobrir engano ou influência mesmérica.

«E agradeço a Deus pela oportunidade que tive, com outros, de testemunhar estas coisas. Posso agora confiadamente falar por mim mesmo. Creio que a obra é de Deus». (J. Bates, em *A Word to the Little Flock*, pág. 21, 1847).

## Os fenómenos físicos convenceram muitos

A Daniel Bourdeau, de 22 anos, que recentemente se unira aos Adventistas do Sétimo Dia mas declarava não acreditar nas visões, foram os fenómenos físicos relacionados com uma visão por ele testemunhada que o levaram da incredulidade para a crença. Ele estava em Bucks Bridge, New York, em 28 de Junho de 1857, e ali viu Ellen White em visão. Ele conta como ficou convencido de que de facto era de Deus.

Como era seu costume, James White convidou os indivíduos assistentes que duvidassem a avançarem e a examinarem a Sra. White. Bourdeau tomou primeiro nota de que não havia qualquer evidência visível de que ela estivesse a respirar. Depois, segundo conta o impressionante incidente, com a autorização de James White, reverente e delicadamente colocou a sua mão sobre a boca e o nariz dela, de sorte que lhe era impossível absorver ou exalar o ar, mesmo que ela desejasse fazê-lo. Isso continuou por uns dez minutos. E ele relata: «Ela não se sentiu absolutamente nada afectada por esta prova».

Declarou Bourdeau: «Desde que testemunhei este maravilhoso fenómeno, nunca mais fui inclinado a duvidar da origem divina das suas visões». (*Great Second Advent Movement*, pág. 210).

Não só Bourdeau, mas grande número de pessoas que individualmente testemunharam os fenómenos físicos relacionados com as visões, nos primeiros dias encontraram neles uma evidência muito convincente. Antes da sua obra poder ser julgada pelos frutos, Deus forneceu provas tangíveis que provocaram uma resposta de crença sincera.

### Em harmonia com a Palavra de Deus

James White, de vinte e cinco anos, o primeiro adventista a escrever sobre este assunto, achou forte evidência no facto de que Joel, e Pe-

dro citando Joel, predisseram a manifestação do dom de profecia nos últimos dias e, como nos encontramos nos últimos dias, era lógico esperarmos agora visões.

A propósito, ele afirmou: «Visões verdadeiras são dadas para nos levar a Deus e à Sua Palavra escrita». Achou que este era o fruto das visões dadas a Ellen Harmon, agora sua esposa desde há poucos meses. Seu cuidadoso exame levou-o a observar que as visões não levavam a «uma nova regra de fé e de conduta», ou «a uma separação em relação à Bíblia». (*A Word to the Little Flock*, pág. 13; *Messenger to the Remnant*, pág. 31).

«Examinai tudo», dizia ele, «e entende o bem». «À lei e ao testemunho: se não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva». Olhando para a sua Bíblia e olhando para as manifestações das visões, James White descobriu provas seguras.

### Mensagens que atingiam o coração

Estêvão Smith era um obreiro adventista de êxito nos primeiros tempos. Encontrou James e Ellen White numa conferência, mas tomou a posição de que «sabia tanto como as visões de uma velha senhora». Sua experiência e carácter eram deficientes, e Deus no Seu amor e bondade em breve deu a Ellen White luz especialmente para ele. Esta luz foi-lhe transmitida por meio de uma carta.

Ao recebê-la, Estêvão Smith, certo de que havia um testemunho no envelope selado, escondeu-o no fundo de uma mala, onde permaneceu por abrir e sem ser lido durante vinte e oito anos. Mas no fim da vida, ao ler semana após semana na *Review and Herald* os artigos escritos por Ellen G. White, o seu coração duro, crítico e céptico foi tocado. A maneira como Deus lhe falou por meio desses artigos era suficientemente evidente, mas quando foi ao fundo da mala e leu a mensa-

gem especial para ele, negligenciada durante vinte e oito anos, achou pormenorizadamente descrita a sua experiência com toda a evidência.

No Sábado seguinte ao contar a sua experiência aos crentes da igreja de Washington, New Hampshire, declarou:

«Irmãos, todas as palavras do testemunho a mim dirigidas são verdadeiras e aceito-as, e cheguei ao ponto de firmemente crer que todas elas são de Deus, e se eu tivesse prestado atenção ao que Deus me enviou da mesma maneira que aos outros, teria transformado todo o curso da minha vida e eu teria sido um homem muito diferente. Toda a pessoa honesta tem de reconhecer que os testemunhos levam sempre o homem para Deus e a Bíblia. Se for honesto dirá isso; se não quiser dizer isso, não é honesto. Se eu tivesse prestado atenção àquele testemunho ter-me-ia poupado um mundo de dificuldades... Os testemunhos têm razão e eu é que estou em erro». (Carta de E. W. Farnsworth a E. G. White, 15 de Julho de 1885. *Messenger to the Remnant*, pág. 21). A transformação que se operou em Estêvão Smith devido a esta clara evidência foi duradoira.

#### As suas orações convenceram João Matteson

João Matteson, nascido na Europa, foi firmado na sua fé quando escutou algumas orações privadas de Ellen White proferidas em voz audível. Ordenado como ministro baptista aos vinte e sete anos e tornado adventista do sétimo dia no ano seguinte, Matteson, que agora vivia em Wisconsin, teve de tomar uma posição. Ele refere em 1866 que, quando pela primeira vez se encontrou com Ellen White, «considerou e provou bem todas as suas acções e palavras».

«Em certo período da minha vida fui um céptico», diz ele, «e agora deixo que o cepticismo apresente as suas objecções, e a Bíblia, o Espíri-

to e a razão respondam». Ao fazer este exame, sentiu-se profundamente impressionado de que a Irmã White era dirigida pelo Espírito de Deus.

«Sucedeu por acaso», diz ele, «ouvir as suas orações em família por duas vezes, sem ela saber de mim, enquanto estava sòzinha com o seu marido e filhos. Que estava ela fazendo? Planeando astuciosamente como podia levar os seus admiradores a trazer os seus sacrifícios perante ela? Ou como podia vingar-se de seus inimigos e trazer vergonha sobre eles? Não! Suas orações proferidas fervorosamente com simplicidade infantil foram ouvidas, não só por mim, mas por Jesus e os anjos. Ela comungava com Deus. Era movida pelo mesmo Espírito que me impressionou quando ouvi a primeira confortadora palavra do meu Salvador».

A maneira como ela vivia também lhe produziu uma profunda impressão. Matteson continua:

«No seu lar ela não traía o mínimo sinal de orgulho. Entregava-se aos afazeres domésticos, e manifestava-se tão humilde e sociável como se nunca tivesse falado em público. Quando ela falava às pessoas, não ostentava qualquer erudição ou arte humana. Não estudou eloquência, nem gestos nem ostentação de educação. Mas havia um fervor, poder e ao mesmo tempo simplicidade, que mostravam que ela tinha estado com Jesus e aprendido d'Ele». (*Review and Herald*, 29 de Maio de 1866, pág. 206).

#### Ela não era influenciada

O facto de que Ellen White, ao observá-la criticamente, não era influenciada em palavras ou actos por os que a rodeavam, foi para o Dr. John Harvey Kellogg, de 46 anos, a mais convincente prova da autenticidade das suas pretensões e obra. Ele escreveu-lhe acerca disso em 1892:

«Eu costumo muitas vezes fazer mentalmente o exame, nada dizendo aos outros. Dizia para mim mesmo: Eis aqui um erro evidente. A Irmã White nada sabe acerca disso, ou, se algo sabe, as circunstâncias são tais que provam um preconceito pessoal a favor do erro e não contra ele. Se o Senhor a dirige para denunciar e corrigir este mal, saberei que ela está sendo especialmente dirigida.

«Nem sequer num único caso este exame falhou, e assim aumentou a minha confiança. Menciono estes factos muitas vezes aos que encontro duvidando». (Carta de J. H. Kellogg a E. G. White, 9 de Setembro de 1892, publicada em *Messenger to the Remnant*, pág. 17).

Mas naturalmente através dos anos em que ele trabalhou como médico cuidadosamente preparado e sempre ao corrente da ciência médica, admirou-o sempre o conhecimento avançado que os escritos de Ellen White manifestavam no campo científico. Dirigindo-se à sessão da Conferência Geral de 1897, ele declarou: «Não há evidência tão poderosa que possa ser apresentada em apoio destes escritos e da sua origem, como o facto de que o que ela escreveu há trinta anos atrás é plenamente confirmado pelas descobertas científicas de hoje». (*General Conference Bulletin*, 8 de Março de 1897, pág. 310).

Segundo o seu testemunho, esta informação colocou o Sanatório de Battle Creek numa posição estratégica, muito à frente de outras instituições médicas e «com cinco anos de avanço em relação à profissão médica».

Estas eram as provas que o doutor apresentava quando, como ele diz, «por vezes vejo alguns dos nossos irmãos parecerem ter pouca confiança nos testemunhos» ou sugerindo que «a Irmã White é influenciada». (*General Conference Bulletin*, 8 de Março de 1897, pág. 310).

## O sr. Faulkhead convencido por sinais secretos

O que convenceu o homem de negócios australiano N. D. Faulkhead, empregado na casa publicadora Adventista do Sétimo Dia e mestre da Loja Maçónica de Melbourne, foi a maneira como Ellen White lhe deu os sinais secretos dessa Loja. Da sua atitude nessa altura diz ele: «Eu tinha grande consideração pela Irmã White, mas quanto aos *Testemunhos*, não tinha neles grande confiança... Quando apresentava testemunhos, ... eu era um pouco céptico».

Conversando com ele acerca da sua filiação na Loja, e apelando para que abandonasse a sua posição dividida, ela apresentou-lhe os termos secretos usados nas reuniões secretas dessa Loja, e depois deu-lhe, mas sem ela própria dar por isso, o sinal secreto da Loja que ele administrava. Em seguida, quando poucos minutos depois, ela deu o sinal rigorosamente secreto da mais alta ordem da Maçonaria, em cujo círculo estrito ele tinha sido iniciado poucos dias antes, Faulkhead ficou atónito.

«Isso realmente pôs o sinal de Deus no meu coração», declarou ele, ao relatar a experiência a outros. A evidência era esmagadora e ele ficou plenamente convencido de que Deus dera a mensagem expressamente para ele. Desde esse dia em diante, Faulkhead nunca vacilou. (*Review and Herald*, 31 de Março de 1955).

## Conhecimento de pecados secretos

George I. Butler, na primavera da vida, presidente da Conferência Geral, achava que o conhecimento que a Sra. White tinha de pecados secretos foi o que lhe forneceu a prova mais convincente. Ele tinha-a observado «relatar coisas acerca de pessoas que ela nunca tinha visto

na carne, de que ninguém tinha conhecimento senão os mais íntimos amigos». (*Review and Herald*, 9 de Junho de 1874).

Mas não era tudo. O fruto da sua obra fornecia fortes provas. Escreveu Butler, em 1874, contando então quarenta anos: «Verificamos... que estas visões se harmonizam perfeitamente com a Escritura. Em todos os casos ensinam a mais pura doutrina, e mesmo os seus mais acérrimos inimigos admitem que uma pessoa será salva se lhes obedecer. Temo-las provado como povo há cerca de um quarto de século, e constatamos que prosperamos espiritualmente quando lhes prestamos atenção, e sofremos uma grande perda quando as negligenciamos. Achámos na sua direcção a nossa segurança». (*Review and Herald*, 9 de Junho de 1874).

#### Evidência na leitura dos livros

Para Charles S. Coon, de 29 anos, estudante de Teologia no Colégio de Battle Creek, em 1887, foi a leitura dos próprios livros; e para a maioria das pessoas é esta a prova mais convincente.

Educado como baptista do sétimo dia, herdara uma antipatia pelo Espírito de Profecia, e punha seriamente em dúvida a necessidade deste dom na igreja. Ora, como adventista do sétimo dia, prosseguiu os seus estudos, mas disse à sua esposa de há poucos dias que «não acreditava neste dom e ia opor-se a ele. Mas,» disse-lhe, «para o rebater com êxito, tenho de saber o que ele ensina».

Comprou os livros escritos pela Irmã White para poder estar bem informado sobre o assunto. Seu filho relata que «ele foi um ávido leitor» e não tinha ainda lido muito quando surpreendido disse a sua esposa:

«Olha, Ema, acho nestes livros o mesmo Espírito que na Bíblia!»

Em breve ficou plenamente convencido de que o Espírito de Profecia era de Deus. Quanto mais lia, tanto mais perene era a sua confiança neste dom, até que, em vez de se opor ao Espírito de Profecia, se tornou um dos seus convictos defensores.

No que o jovem Coon leu encontrou irrefutável evidência, e deu-se não só a si mesmo mas os seus filhos ao ministério da igreja. Como um deles refere, «A confiança de toda a nossa família é implícita neste precioso dom que um amoroso Deus legou à Sua igreja para nos preparar para o Céu».

#### Impressionado pelos sábios conselhos administrativos

Artur G. Daniells, que esteve no lar da família White durante meio ano, com a idade de dezanove anos, e era um atento observador, achou na vida de Ellen G. White, e na maneira como ela enfrentava as situações, a base para uma firme e permanente convicção da genuinidade das suas visões e uma crença inabalável nela como mensageira do Senhor.

Duas décadas mais tarde, enquanto desempenhava responsabilidades administrativas durante nove anos na Austrália, esteve em íntima associação com ela, o que «me habituou a ganhar uma clara visão da vida da Sra. White e a atingir uma fundamentada conclusão acerca das suas elevadas pretensões da inspiração». (*Abiding Gift of Prophecy*, pág. 365).

Depois, acrescentada a isto, foi a sua experiência através dos primeiros quinze anos em que serviu como presidente da Conferência Geral. Estes foram os últimos anos da vida da Sra. White, e ela foi para ele uma conselheira. Esses anos foram assinalados por vitórias, sã edificação e avanço. Daniells, que desde a sua juventude nunca tinha vacilado, continuou a achar na vida e obra da Sra. White acumulada evi-

dência, que nos seus últimos anos teve o prazer de apresentar perante a igreja no seu livro *The Abiding Gift of Prophecy*.

## Os doutores Thrash da Geórgia

Os doutores Calvin e Agatha Thrash, proeminentes médicos da Geórgia, cada um na sua especialidade, e agora adventistas, há poucos anos atrás acharam a evidência no rigor científico dos escritos do Espírito de Profecia que tocam no campo da ciência. Isto os levou não só a uma ilimitada confiança em Ellen White, mas também por esse meio a entrarem como membros na igreja.

Numa viagem de avião para uma convenção médica, Agatha Thrash, sentada junto de um médico adventista do sétimo dia, foi informada acerca do que nós, como povo, cremos no que respeita à saúde, e a conversação em breve derivou para a Sra. White e suas afirmações nos campos da fisiologia e nutrição como estando muito avançadas em relação ao conhecimento do seu tempo. Gerou-se um imediato interesse que levou a investigação ulterior, na qual se lhe uniu o seu marido. Escrevendo acerca disto há poucos meses, declarou ela:

«Nem Calvin nem eu tínhamos jamais acreditado em nada de natureza sobrenatural, sentindo que tudo quanto não estava ainda explicado devia sê-lo na base de fenómenos naturais. Quão cuidadosamente examinámos o assunto da inspiração divina da Sra. White! Em cada campo em que Calvin e eu tínhamos suficiente competência para ser juizes adequados de matéria sobre que ela escreveu, fizemos cuidadoso exame.

«Nos campos da saúde e nutrição tivemos de reconhecer que não há, mesmo em nossos dias, nada que se aproxime da exactidão científica do corpo de informação que ela es-

tabeleceu como orientação para a boa saúde e a boa nutrição. Quando consideramos a superstição, ignorância, erro e falta de atenção que naqueles dias se observavam quanto às regras da saúde, não podemos deixar de admirar como cada pormenor que a Sra. White escreveu nos campos da nutrição e saúde é consistentemente apoiado pela mais recente informação científica.

«Sentimos que é simplesmente impossível a um ser humano de qualquer época ter 100 por cento de exactidão ao escrever sobre nutrição e saúde dando o devido valor às práticas de saúde correntes e futuras e calculando com exactidão os resultados de práticas físicas».

Os Doutores Thrash consideravam-se também competentes para examinar e julgar duas outras áreas — «psicologia e educação». Em cada uma destas áreas, testifica a Dra. Agatha, «os conselhos da Sra. White à igreja deram provas de inspiração divina, nem sequer um tendo falhado». E continua: «Exactidão infalível não é uma característica humana. A Sra. White pretendia ter sido divinamente inspirada, e o carácter dos seus escritos dá testemunho da fonte donde procedem». (Carta de 10 de Novembro de 1966).

A evidência era absoluta. Não admira que os Doutores Thrash sejam membros leais e entusiastas da igreja adventista do sétimo dia.

## Os adventistas hoje

Jesus disse: «Eu vo-lo disse agora antes que aconteça para que, quando acontecer, vós acrediteis» (João 14:29). Os adventistas do sétimo dia nesta época de investigação e de frio exame científico podem facilmente achar no campo da ciência a mais persuasiva evidência. *Time Magazine*, na secção científica, intitula um artigo, *Vantagem Adventista*, ao discutir o fumo e o cancro do pulmão.

Autoridades sobre nutrição estão começando a falar dos adventistas como sendo «a descoberta nutricional do século», como resultado de um estudo de cinco anos realizado na Califórnia com todo o rigor científico sobre uns trinta mil membros de igreja.

O relatório revela que na população da Califórnia em geral, em comparação com os adventistas, há:

12 vezes mais cirrose do fígado;  
5 vezes mais enfisema;

8 vezes mais cancro do pulmão (com mortes devido a cancro no pulmão apenas naqueles que eram fumadores inveterados antes do baptismo);

2 vezes mais doença de coração (e os que sofriam de doença de coração sofriam-na 10 a 15 anos depois da média);

Enquanto 15% de todas as mortes de homens com menos de 50 anos são devidas a ataques de coração, durante o inquérito nenhum adventista do sétimo dia com menos de 50 anos morreu de ataque de coração;

Há 2 vezes mais adventistas vivos entre as idades de 80 a 85 anos do que na população em geral;

Contando as mortes devidas a todas as doenças que normalmente ocorrem como 100%, a taxa de mortalidade adventista é de cerca de metade — 50%.

Foram as visões dadas a Ellen G. White que levaram os adventistas do sétimo dia a uma conscienciosidade quanto à saúde e à aderência estrita a certos princípios que pareciam estranhos a homens da ciência do seu tempo. É suficiente esta evidência?

#### Acumula-se a evidência

Na passada meia hora revimos a experiência de alguns que deixaram um registo do que os levou a uma confiança implícita no Espírito

de Profecia. Foi uma evidência — são, indisputável evidência que cuidadosamente pesaram.

Estas foram pessoas cuidadosas e bem informadas, a maior parte delas na primavera da vida. Alguns eram a princípio confessadamente cépticos. Eles aprenderam que «ao mesmo tempo em que Deus deu prova ampla para a fé, nunca removeu toda a desculpa para a descrença». (*Conflito dos Séculos*, pág. 388). Alguns salientavam factores aparentemente negativos, mas quando estes eram cuidadosamente investigados viram que não tinham base suficiente.

Muitos, naturalmente, em breve descobriram e acrescentaram outros pontos ao que primeiro os levou a crer. Sua fé ficou bem estabelecida num corpo de evidências acumuladas. Nós, também, podemos recorrer ao seu testemunho como uma base segura para a nossa confiança.

Então, ao falarem aos nossos corações os escritos do Espírito de Profecia, ao ajudarem-nos a vencer o desânimo, ao apresentarem-nos conselhos práticos que nos habilitam a enfrentar as exigências dos nossos dias, ao tornarem clara a nossa relação para com Deus e a Sua obra, e, ao mesmo tempo, ao abrirem-nos, por assim dizer, as janelas para que possamos ver o que o futuro nos reserva, — somos arrebatados por um peso de evidência cada vez maior, mais sólido e satisfatório.

«Deus concedeu aos homens um firme fundamento sobre que repousar a fé». (*Conflito dos Séculos*, pág. 387). «Ele apresenta evidências que precisam ser cuidadosamente investigadas, com espírito humilde e susceptível ao ensino; e todos devem julgar pela força dessas mesmas evidências». (*Testemunhos Selectos*, vol. II, pág. 290).

---

## Visado pela Censura

# Procurais a Felicidade?

por Samuel Monnier

Secretário do Departamento de Atividades  
Laicas da Divisão Sul-Europeia

«Resta, irmãos meus, que vos rezoziéis no Senhor». Fil. 3:1.

Já notastes a redacção deste versículo? Indica que Deus deseja a felicidade do homem em geral e, com mais forte razão, a de Seus filhos. E para o recordar à Igreja escolheu um dos Seus mais nobres servos que, na altura, estava preso, em cadeias. Ele diz-nos igualmente por intermédio de sua serva: «A não ser que cultiveis um espírito manso, *alegre*, e grato, Satanás tornar-vos-á cativos de sua vontade». Devemos pois manter-nos alegres em todas as circunstâncias, à semelhança de Paulo e Silas, que cantavam hinos à meia noite, na sua cela, e a quem as próprias cadeias não conseguiram impedir de serem felizes no Senhor.

Se nos parece demasiado difícil estar sempre alegres, pensemos nas promessas divinas que constituem uma das razões para sermos felizes. Deixemos que o nosso espírito se detenha nelas com frequência. Não

fundemos sobretudo a nossa felicidade no dinheiro. Não declara Jesus: «Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? Ou que dará o homem em recompensa da sua alma?» Mat. 16: 26. Porque se suicidam tantos milionários? Porque não podem dormir em paz tantos homens e mulheres com fortuna? O dinheiro pode permitir-nos adquirir uma magnífica propriedade, viajar num carro luxuoso, por vezes mesmo comprar seres humanos, mas não pode obter uma felicidade verdadeira.

Todavia, inspirado pelo altruísmo, pode tornar-se um meio eficaz para fazer os outros um pouco mais felizes. Quando um homem simpatiza com os seus semelhantes, sofre ao vê-los acabrunhados com as provas da vida e faz o possível por aliviar os seus sofrimentos, pode dizer-se que está aberto perante ele o caminho da felicidade. Alimentar os que têm fome, vestir pobres órfãos, visitar os doentes, numa pala-



Todos os homens são irmãos quando a catástrofe desaba e a dor os une.

vra, acorrer em auxílio dos necessitados — nisso consiste a felicidade, e esta procede do amor.

Que alegria intensa eu experimentava ao assistir à refeição que o «Socorro Adventista» servia diariamente a magras e famintas crianças haitianas, sua única refeição do dia, sem a qual seriam certamente morrido! Nas bem-aventuranças Cristo revela-nos oito segredos da felicidade, mas contentar-nos-emos em citar apenas um: «Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia». Quantos seres humanos descobriram a verdadeira felicidade, procurando fazer bem ao seu redor, pois consagrar-nos ou fazer sacrifícios por pessoas mais infelizes do que nós gera uma alegria pura e autêntica. Quando apresentamos um copo de água aos lábios secos de uma criança, descobrimos que nós próprios bebemos em inesperadas fontes vivificantes. Cada esforço consentido alegremente em favor de Cristo transformar-se-á em bênção para nós mesmos. Fazendo tudo ao nosso alcance para tornar os outros felizes, verificaremos que a nossa própria saúde beneficiará, pois «o coração alegre serve de bom remédio».

Mesmo no meio das piores dificuldades, físicas ou materiais, podem-se obter as maiores vitórias, as mais completas satisfações. Paulo escreveu: «Ora o fim do mandamento é a caridade de um coração puro, e de uma boa consciência, e de uma fé não fingida». I Tim. 1:5. Amar o próximo, eis tudo! Quando possuímos o espírito de Jesus, conheceremos então o valor das almas. Quando em nosso peito bater um coração semelhante ao do Salvador, amaremos como Cristo amou. Quando tivermos o zelo do Mestre, consagrar-nos-emos como Ele ao bem dos nossos semelhantes. Deus é amor e, a não ser que o novo nascimento se torne para nós uma realidade, nunca poderemos imitar a Cristo no Seu amor, pois o amor humano, ainda o mais perfeito, no fundo não passa de egoísmo, porquanto o homem não ama senão quem o ama. Todo o que não é envolvido senão por si mesmo não pode oferecer senão um bem pequeno presente. Para revelarmos o amor de Deus temos de nos habituar a pensar nos outros com muita compaixão.

Cada adventista terá em breve oportunidade de provar se ama a Deus e ao seu próximo. Com efeito, 13 de Maio é a data que a nossa or-



O «Socorro Adventista» em acção entre Jovens vítimas de um terremoto.

ganização mundial pôs à parte para a oferta especial em favor das vítimas da Fome e dos Cataclismos. Nesse dia, o amor de Cristo habitando em nós terá, uma vez mais, oportunidade de se manifestar.

Pergunto-vos de novo, prezados irmãos e irmãs, quereis conhecer a felicidade? Relede então as palavras do apóstolo Paulo: «Regozijai-vos sempre no Senhor. Não me canso de vos escrever as mesmas coisas». Não me canso! Quantas pessoas se sentem cansadas! O trabalho cansa-as, dar dinheiro cansa por vezes nossos membros de Igreja. «Há colectas demais», queixam-se eles. Não haverá mais apelos quando a obra estiver terminada e nos encontrarmos no céu; não os haverá mais quando estivermos na sepultura. Estamos cansados da vida? Mas é justamente por estarmos ainda vivos que podemos trabalhar para Cristo e aceitar o Seu convite para darmos, orarmos e procurarmos salvar os aflitos.

Expulsemos, pois, o cansaço que nos oprime ou nos ameaça insidio-

samente, e neste Sábado, 13 de Maio, pensemos com amor nas dezenas de milhares de vítimas de catástrofes naturais ou outras, nas inúmeras famílias sem lar, nos órfãos destituídos de tudo. Vi pessoalmente crianças famintas morreram de inanição. Isso não deveria existir hoje!

Irmãos e irmãs, vale a pena responder ao apelo que nos será dirigido no próximo dia 13 de Maio, e dar mais do que nunca. Não temos todos recebido gratuitamente? Lembremo-nos de todos os benefícios com que Deus nos tem cumulado e, em sinal de humildade e de reconhecimento, mostremo-nos generosos para com os necessitados. Os pobres, os infelizes, os sinistrados, não se encontram na terra para nos permitir provarmos o valor da nossa religião? Jesus Cristo não morreu na cruz para trazer a salvação a um mundo transviado e profundamente infeliz? Não nos cansemos pois de dar e avancemos um pouco mais para o caminho da verdadeira felicidade.



A terra treme e as pessoas ficam como formigas sob os escombros.

# O Socorro Adventista em acção na Itália

por D. Visigali

No dia 4 de Novembro de 1966, todo o norte da Itália foi flagelado por terríveis e súbitas inundações, e Florença, a bela cidade de insubstituíveis riquezas artísticas, foi submergida pelas ondas do Arno misturadas com lama, mazut e detritos de toda a espécie.

A partir do dia seguinte, os nossos irmãos e irmãs da Itália e do estrangeiro começaram já a enviar-nos donativos em dinheiro, vestuário e víveres. Foi uma intervenção rápida emocionante e silenciosa. Representando as Sociedades de Dorcas de diversas igrejas da Suíça, o «Socorro Adventista» desse país fez chegar até nós, em camiões, cobertores, vestuário, víveres, até mesmo colchões, roupa de cama — tudo coisas próprias para nos confortar — atraindo assim os calorosos agradecimentos e elogios da cidade de Florença.

O «Socorro Adventista» da França, Alemanha, Inglaterra e até dos Estados Unidos também não deixou

de se fazer sentir. Nossas duas Sociedades de Dorcas de Florença instalaram o seu quartel general, uma, no local da nossa escola missionária, na Vila Aurora, e a outra no salão da juventude, na cidade, e os nossos irmãos e irmãs dedicaram-se sem reservas para proceder em tempo oportuno a uma distribuição sistemática de tudo o que tinha sido recebido. Foi assim que 540 famílias foram socorridas e que 15.500 cobertores e peças de vestuário bem como 700 pacotes de víveres foram distribuídos.

A Divisão Sul-Europeia e a União Italiana fizeram chegar até nós uma soma considerável que foi repartida equitativamente entre as numerosas famílias adventistas atingidas pelas inundações, tanto em Florença como em Pisa, embora nesta última localidade a catástrofe tenha sido menos grave.

Tudo o que foi feito para aliviar o drama das centenas de pessoas si-

*Continua na pág. 29*



O seu lar foi destruído, mas esta velha avó sente-se grata pelo cobertor recebido.

# Histórias Africanas

## SAKAIKA



Sakaika vivia numa pequena aldeia da África Central. Naquela altura não havia carreiras de autocarros e era perigoso ir a qualquer parte de noite porque os leões e leopardos saíam cada noite à busca de comida. As pessoas no mato por vezes tinham dificuldades com essas feras.

Uma ocasião, passaram por ali comerciantes em camionetes para comprar trigo. Por vezes os condutores vendiam aos passageiros lugares em cima dos sacos de trigo, de maneira que podiam ir de uma terra para a outra com relativa segurança.

O pai e a mãe de Sakaika desejavam há muito visitar uns parentes que viviam a uns 180 quilómetros dali. Se não fosse nas camionetes de trigo, não podiam pensar em ir porque era muito longe. Assim foram para perto de uma fonte junto da estrada onde os carros costumavam parar para se abastecerem de água. O pai de Sakaika perguntou ao condutor se os podia levar até à povoação chamada Dedza. «Sim, posso», respondeu o condutor. «Mas tendes de estar aqui dentro de dez minutos e tendes de me pagar agora».

A família estava ali perto e o pai pagou ao condutor. Poucos minutos depois, subiram todos para cima do carro. Lá partiram, segurando-se bem aos sacos de trigo. Parecia que eram levados pelo vento, pois nenhum dos membros da família tinha ainda viajado de camionete. Experimentavam uma sensação terrível e maravilhosa ao mesmo tempo.

Ao fim da tarde, pararam numa

pensão para passar a noite. O pai de Sakaika levou a sua família para um sítio mais sossegado, porque alguns dos outros passageiros bebiam e questionavam a maior parte da noite. Por fim chegou a manhã e a mãe de Sakaika pôs ao lume uma grande panela de fuba para a sua família.

Quando saíram, o pai de Sakaika notou que o condutor tinha bebido demais. Isto fê-lo rezear, pois sabia quão terrível é o álcool.

Orou para que o Senhor protegesse do perigo a sua família. Então sucedeu o que não esperavam. Quando se preparavam para subir para a camionete, o condutor procurou fazer com que o pai de Sakaika pagasse outra vez. Insistia, gritando, que ainda lhe não tinha pago. Não deixou nenhum deles subir, embora já tivessem pago a passagem até Dedza. Ficaram tristes quando viram a camionete partir, e meteram-se a caminho para fazerem a pé o resto da viagem.

No dia seguinte, souberam uma coisa terrível. O condutor ia tão embriagado que deixou de controlar os travões numa descida, e todos os que iam na camionete morreram. Sakaika nunca mais pôde esquecer aquele dia, e ninguém conseguiria persuadi-lo a tomar sequer um gole de álcool, mesmo que fosse a troca de um saco de dinheiro.

Sakaika espera empreender em breve uma maravilhosa viagem para o Céu e sabe que nenhum bêbedo poderá jamais fazer essa viagem.

*Josephine C. Edwards*

# O Segundo Concílio do Vaticano

## Através dos seus documentos oficiais

por Ernesto Ferreira

Durante o Segundo Concílio do Vaticano, que teve lugar de 11 de Outubro de 1962 a 8 de Dezembro de 1965, foram lidas 147 comunicações ou relatórios, proferidos 2 112 discursos e apresentadas 4 361 intervenções escritas.

Os documentos conciliares, com carácter oficial, foram, porém, apenas dezasseis: 4 constituições, 9 decretos e 3 declarações. É desses documentos oficiais que vamos extrair a informação que se segue.

Vamos dividir o nosso estudo de acordo com os quatro aspectos mais característicos do Concílio: afirmações doutrinárias; renovação da vida interior da igreja; actualização da sua vida exterior; o ecumenismo.

### Afirmações Doutrinárias

Acerca de doutrinas ocuparam-se as constituições «Dei Verbum», sobre a Divina Revelação; «Lumen Gentium», sobre a Igreja; e também um pouco «Sacrosanctum Concilium», sobre a Sagrada Liturgia.

Segundo o ensino do primeiro documento citado, a Bíblia, por importante que seja, não constitui a única fonte da Revelação Divina. Com ela está intimamente relacionada a Tradição.

Esta Tradição «progride na Igreja sob a assistência do Espírito Santo» (pág. 97), isto é, «a Igreja, no decorrer dos séculos, tende continuamente para a plenitude da verdade divina, até que nela se cumpram as palavras de Deus» (pág. 97).

Sendo assim, «A Igreja não tira somente da Sagrada Escritura a sua certeza de todas as coisas reveladas. Por isso, se devem receber e venerar ambas [a Bíblia e a Tradição] com igual afecto de piedade e reverência» (pág. 98). «A Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só depósito sagrado da palavra de Deus, confiado à Igreja» (pág. 98).

Cada crente não é livre para interpretar por si mesmo a Revelação. «Porém, o múnus de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita ou transmitida pela Tradição foi confiado unicamente ao Magistério Vivo da Igreja, cuja autoridade é exercida em nome de Jesus Cristo» (pág. 98).

Vemos, pois, que a Igreja é a deposi-

tária e intérprete da Revelação Divina. Mas de que Igreja se trata? «Esta Igreja, como sociedade constituída e organizada neste mundo, subsiste na Igreja Católica, governada pelo sucessor de Pedro e pelos bispos em comunhão com ele» (pág. 22).

Embora noutras igrejas cristãs e religiões não-cristãs haja elementos valiosos, o propósito divino não é atingido até que «todos, no mundo estabelecido por Cristo, cheguem à união pacífica num só rebanho, sob um único pastor» (pág. 31). «Por conseguinte, não poderão salvar-se aqueles que se recusam a entrar ou perseverar na Igreja Católica, sabendo que Deus a fundou por Jesus Cristo como necessária à salvação» (pág. 30).

A Igreja Católica está baseada sobre a ideia do sacerdócio — não tanto do sacerdócio dos fiéis em sentido lato, como do sacerdócio ministerial ou hierárquico, diferente daquele essencialmente e não apenas em grau. (Cfr. pág. 25).

A este sacerdócio incumbe o múnus de ensinar, santificar e governar a Igreja.

A sua testa encontra-se o papa. «Este santo Concílio propõe de novo firmemente à fé de todos os fiéis a doutrina da instituição, perpetuidade, poder e natureza do sacro primado do Romano Pontífice e do seu infalível magistério e, prosseguindo no mesmo designio, quer afirmar e declarar publicamente a doutrina acerca dos Bispos, sucessores dos Apóstolos, que com o Sucessor de Pedro, Vigário de Cristo e Cabeça visível de toda a Igreja governam a casa de Deus vivo» (pág. 34).

Estas últimas palavras introduzem-nos na maior inovação deste Concílio — o *Colégio Episcopal*. Ao passo que o Vaticano I salientou as prerrogativas do Sumo Pontífice, o Vaticano II deu realce às dos Bispos. A partir de agora, os bispos ficam mais intimamente unidos ao Papa, formando com ele um todo nas funções docentes, santificadoras e governativas da Igreja.

Na sua esfera própria, estão associados aos bispos os presbíteros e diáconos.

A estes últimos, que não exercem funções sacerdotais mas apenas ministeriais, é dado novo realce. «Daqui em diante poderá o diaconado ser restabelecido como grau próprio e permanente na Jerarquia» (pág. 50). Poderá este diaco-

As citações deste artigo são extraídas do livro Vaticano II - Documentos Conciliares, edição da União Gráfica, Lisboa, 1966.

nado, com o consentimento do Romano Pontífice, ser conferido a homens, de idade mais adulta, mesmo casados, ou também a jovens idóneos; mas para estes últimos mantém-se em vigor a lei do celibato» (pág. 50).

A noção de sacramento é solidária da do sacerdote.

A doutrina dos sacramentos, como meio principal de santificação dos crentes, mantém-se, sendo dado particular realce à Eucaristia. Com efeito, os sacerdotes «exercem o seu ministério sagrado principalmente na celebração da Eucaristia; nela, agindo na pessoa de Cristo e proclamando o Seu mistério, juntam as orações dos fiéis ao sacrifício de Cristo, sua Cabeça; renovam e aplicam no sacrifício da Missa, até à vinda do Senhor, o único sacrifício do Novo Testamento no qual Cristo, uma vez por todas, Se ofereceu ao Pai como hóstia imaculada». (pág. 47).

A Igreja terrestre ou peregrina está em íntima união com a celeste.

Quando aos que «estão ainda a purificar-se após a morte» (pág. 74), a Igreja terrestre, desde os primeiros tempos do Cristianismo, sempre «ofereceu sufragios por eles» (pág. 72).

Quanto aos santos, visto que «foram já recebidos na Pátria e estão na presença do Senhor — por Ele, com Ele e n'Ele — não cessam de interceder em nosso favor junto do Pai, apresentando os méritos que — por meio do único Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus — adquiriram na terra, servindo ao Senhor em todas as coisas e completando na sua carne o que falta à Paixão de Cristo em benefício do Seu Corpo que é a Igreja» (pág. 72).

«O nosso culto aos santos, se for bem entendido à luz da fé, de modo nenhum prejudica o culto latrêutico prestado a Deus Pai por Cristo no Espírito, antes o vem enriquecer mais ainda». (pág. 75).

Acerca do culto de Maria lemos: «A maternidade de Maria, na economia da graça, perdura sem cessar, desde o consentimento que ela prestou fielmente na Anunciação e manteve sem vacilar ao pé da cruz, até à consumação final de todos os eleitos. De facto, depois de elevada ao céu, não abandonou esta missão salutar, mas, pela sua múltipla intercessão, continua a obter-nos os dons da salvação eterna. Com seu amor de mãe, cuida dos irmãos de seu Filho, que ainda peregrinam e se debatem entre perigos e angústias, até que sejam conduzidos à Pátria feliz. Por isso a Santíssima Virgem é invocada, na Igreja, com os títulos de Advogada, Auxiliadora, Amparo e Medianeira» (pág. 81).

O Concílio exorta «todos os filhos da Igreja a que promovam dignamente o culto da Virgem Santíssima... e observem religiosamente quanto foi estabelecido no passado acerca do culto das imagens de Cristo, da Santíssima Virgem

e dos Santos» (pág. 84).

Apesar de não se tratar de afirmação propriamente doutrinária, julgamos poder incluir aqui, pelas implicações que tem sobre a guarda do Sábado como sétimo dia da semana, uma referência à «Declaração sobre a Reforma do Calendário» que, em apêndice, aparece na Constituição sobre a Liturgia, na qual lemos: «Igualmente [o Sagrado Concílio] declara não se opor às iniciativas para introduzir um calendário perpétuo na sociedade civil. Contudo, entre os vários sistemas em estudo para fixar um calendário perpétuo e introduzi-lo na sociedade civil, a Igreja só não se opõe aqueles que conservem a semana de sete dias e com o respectivo domingo. A Igreja deseja manter intacta a sucessão hebdomadária, sem inserção de dias fora da semana, a não ser que surjam razões gravíssimas sobre as quais deverá pronunciar-se a Sé Apostólica» (pág. 145).

#### Renovação da vida interior da Igreja

A atenção do Concílio não incidiu tanto na fixação de doutrinas visto que, como acabamos de ver sumariamente, pouco se adiantou ao que já estava estabelecido, como na renovação interior da vida da Igreja.

Tratam desse aspecto particularmente os seguintes documentos: a Constituição «Sacrosanctum Concilium», sobre a Liturgia; os documentos «Orientalium Ecclesiarum», sobre as Igrejas Orientais; «Christus Dominus», sobre o Múnus Pastoral dos Bispos; «Presbyterorum Ordinis», sobre o Ministério e Vida dos Sacerdotes; «Perfectae Caritatis», sobre a Adequada Renovação da Vida Religiosa; «Apostolicam Actuositatem», sobre o Apostolado dos Leigos; «Ad Gentes», sobre a actividade Missionária da Igreja; e a Declaração «Gravissimum Educationis», sobre a Educação Cristã.

Destes documentos ocupa lugar de destaque o que se refere à Liturgia, e por isso vamos dedicar a ele uma atenção particular.

Na vida interna da Igreja a Liturgia ocupa o primeiro lugar, derivado da sua própria natureza.

«Com razão se considera a Liturgia como exercício da função sacerdotal de Cristo. Ela simboliza através de sinais sensíveis e realiza em modo próprio de cada um deles a santificação dos homens; nela o Corpo Místico de Jesus Cristo — Cabeça e membros — presta a Deus o culto público e integral.

«Por isso, toda a celebração litúrgica, por ser obra de Cristo sacerdote e do Seu Corpo, que é a Igreja, é a acção sagrada por excelência, a cujo título e grau de eficácia nenhuma outra acção da Igreja se equipara» (pág. 114).

Para seu incremento torna-se necessária a formação litúrgica do clero e dos fiéis em geral.

Reconhecendo que nalguns pormenores as formas recebidas não se adaptam bem às actuais condições de tempo e de lugar, fixam-se as normas a que deve obedecer a reforma, sobretudo no que respeita ao uso das línguas vernáculas e a uma adaptação maior à índole e tradição dos diferentes povos.

Toda a vida litúrgica gira à volta do Sacrifício Eucarístico e dos Sacramentos, «realizando a obra de salvação que anunciam» (pág. 113).

Quanto ao sacrifício da Missa, preconiza-se uma participação mais activa dos fiéis, dando-se realce à leitura de textos da Bíblia e ao uso da língua vernácula em certas partes da Missa. Em casos concretos é permitida a comunhão sob as duas espécies, mesmo aos leigos; e a concelebração, como manifestação da unidade do sacerdócio.

Nos sacramentos que, além de ritos instrutivos, conferem a graça, deve haver igualmente uma participação mais consciente dos fiéis. Também a seu respeito é indicado o uso do vernáculo e a simplificação dos ritos.

Merecem especial menção os seguintes passos:

Como preparação para o baptismo, «restaure-se o catecumenado dos adultos, com vários graus, a praticar segundo o critério do Ordinário de lugar, de modo que se possa dar a conveniente instrução a que se destina o catecumenado e santificar este tempo por meio de ritos sagrados que se hão-de celebrar em ocasiões sucessivas» (pág. 129).

«Seja lícito acolher nas terras de Missão, ao lado dos elementos próprios da tradição cristã, os elementos de iniciação usados por cada um desses povos, na medida em que puderem integrar-se no rito cristão» (pág. 130).

É sugerido que a Extrema Unção se passe a chamar «Unção dos enfermos», pois «não é sacramento só dos que estão no fim da vida. É já certamente tempo oportuno para a receber quando o fiel começa, por doença ou por velhice, a estar em perigo de morte» (pág. 131).

Quanto ao Ofício Divino, é feito um reajustamento mais adaptado às diferentes horas do dia e é dada mais importância à participação dos fiéis e ao uso do vernáculo mesmo para clérigos ou religiosos impedidos de bem compreenderem a língua latina.

Sobre o ano litúrgico são focados: a observância do Domingo, a celebração dos mistérios de Cristo e as festas dos santos.

Lemos quanto à observância do Domingo: «Por tradição apostólica, que nasceu do próprio dia da ressurreição de Cristo, a Igreja celebra o mistério pascal todos os oito dias, no dia que bem se denomina Dia do Senhor ou Domingo... O Domingo é o principal dia de festa a propor e inculcar no espírito dos fiéis; seja também o dia da alegria e do re-

pouso» (pág. 138).

Acerca dos santos é dito: «A Igreja, segundo a tradição, venera os santos e as suas reliquias autênticas, bem como as suas imagens» (pág. 139).

Os dois últimos capítulos desta Constituição são dedicados, respectivamente, à Música e à Arte Sacra.

Acerca da Música é manifestada a preocupação de respeitar as tradições musicais, sobretudo nas regiões missionárias.

A propósito da Arte, lê-se: «Mantenha-se o uso de expor imagens nas igrejas à veneration dos fiéis: Sejam no entanto em número comedido e na ordem devida, para não causar admiração aos fiéis nem contemporizar com uma devoção menos correcta» (pág. 143).

O decreto sobre as Igrejas Orientais trata sobretudo das igrejas de rito oriental unidas a Roma.

O seu património deve ser conservado. São focados particularmente: o assunto das atribuições dos patriarcas e arcebispos maiores; e as relações com as igrejas orientais separadas de Roma.

Não vamos deter-nos sobre os decretos que tratam do Múnus Pastoral dos Bispos, do Ministério e Vida do Sacerdotes, da Formação Sacerdotal e da Adequada Renovação da Vida Religiosa.

Quanto aos bispos, é retomada a ideia do Colégio Episcopal. A fim de manterem uma colaboração mais íntima com o papa, é instituído um Conselho permanente que recebe o nome de «Sínodo dos Bispos».

Quanto aos sacerdotes, é dado especial realce à sua função de santificar. Eles possuem «o sagrado poder da ordem, podendo oferecer o Sacrifício e perdoar os pecados» (pág. 360) e desempenham «oficialmente, em nome de Cristo e em favor dos homens, o múnus sacerdotal» (pág. 360). «O Ministério sacerdotal, enquanto está unido à ordem episcopal, participa da autoridade com que o próprio Cristo funda, santifica e governa o Seu Corpo» (pág. 361). «Ficam marcados com um carácter especial que os assemelha a Cristo o Sacerdote, a fim de poderem operar em nome da Cabeça que é o mesmo Cristo» (pág. 361).

«Deus consagra os presbíteros pelas mãos dos Bispos para que, participando de uma forma especial do sacerdócio de Cristo, actuem na celebração das funções sagradas como ministros d'Aquele que, por meio do Seu Espírito, exerce continuamente por nós, na Liturgia, o Seu múnus sacerdotal. Pelo Baptismo, os Sacerdotes introduzem os homens no povo de Deus; por meio do sacramento da Penitência, reconciliam os pecadores com Deus e com a Igreja; pela Santa Unção, aliviam os enfermos; e sobretudo, na celebração da Missa, oferecem sacramentalmente o Sacrifício de Cristo» (pág. 365).

Quanto à Renovação da Vida Religio-

sa, é focada a disciplina e vida dos institutos, adaptando-se às condições actuais, sobretudo em terras de Missões.

O Concílio prestou uma atenção particular ao papel dos leigos na Igreja. A eles já havia um capítulo inteiramente dedicado na Constituição «Lumen Gentium». Mas é sobretudo no decreto «Apostolicam Actuositatem» que o assunto é tratado em pormenor.

O apostolado dos leigos — como fermento no meio do mundo — impõe-se perante a complexidade da vida moderna, a vastidão do campo a ser atingido e a insuficiência do clero.

Os objectivos desse apostolado são: na ordem espiritual, cooperar com o clero por meio do ministério da Palavra e dos sacramentos; na ordem temporal, impregnar de espírito cristão as realidades que dizem respeito aos bens da vida e da família, à cultura, aos bens económicos, às artes e profissões, às instituições políticas, às relações internacionais e outras semelhantes, bem como à sua evolução e progresso.

São em seguida estudados os vários campos de actividade dos leigos (na vida e acção da Igreja, na família, na juventude, no meio social, na ordem nacional e internacional), assim como os vários modos de apostolado (quer individual, quer associativo).

O documento termina com indicações práticas quanto à formação dos leigos para o apostolado.

Podemos dizer sem receio que as igrejas cristãs, que não partilham dos pontos de vista da Igreja Católica, algo têm a aprender deste decreto para a dinâmica das suas actividades laicas.

Outro documento importante para a renovação da vida da Igreja é o que se refere à Actividade Missionária.

Depois de analisar o objectivo missionário da Igreja em geral, é salientado o objectivo específico da actividade missionária, que consiste em pregar o Evangelho e implantar a Igreja Católica entre os povos ou grupos em que ela ainda não está radicada, até que aí atinja a plena maturidade, com jerarquia própria.

Eis alguns capítulos deste documento: A Obra Missionária (Testemunho cristão; A pregação do Evangelho e a reunião do povo de Deus; A formação da comunidade cristã, administração financeira autónoma com clero nativo e com catequistas, a que é dada importância particular); As Igrejas Particulares; Os Missionários (Sua função, formação de futuros missionários e institutos missionários); A Organização de Actividades Missionárias ao nível local e mundial; A cooperação das Igrejas de países cristãos com as de países de Missão.

O último documento que desejamos mencionar nesta secção é o que se refere à Educação Cristã.

Depois de tratar da importância da

educação, é focada a responsabilidade dos pais, da sociedade e da Igreja.

Na educação não basta a instrução catequística; tem importância capital o papel da escola.

«É preciso que os pais, a quem primeiramente compete o direito e o dever inalienável de educar, gozem de perfeita liberdade na escolha da escola. Por isso o poder público, a quem compete proteger e defender as liberdades dos cidadãos, atendendo à justiça distributiva, deve procurar que os subsídios públicos sejam distribuídos de modo que os pais possam, com inteira liberdade e segundo a sua consciência, escolher as escolas para os filhos». (pág. 491).

É bom ter em conta que «o monopólio das escolas por parte do Estado se opõe aos direitos naturais da pessoa humana, ao progresso e difusão da própria cultura, ao convívio pacífico dos cidadãos e também ao pluralismo que hoje vigora em muitas sociedades». (pág. 491).

«A Igreja louva aquelas autoridades e sociedades que, tendo em vista o pluralismo da sociedade moderna e respeitando a devida liberdade religiosa, ajudam as famílias para que a educação dos filhos, em todas as escolas, possa ser dada segundo os próprios princípios morais e religiosos das famílias». (pág. 492)

A igreja deve estar presente junto dos que são formados em escolas não católicas.

É salientada a necessidade de fomentar a criação de escolas católicas, não esquecendo as escolas profissionais e técnicas, as instituições destinadas à educação de adultos e incluindo as Universidades.

#### Actualização da vida exterior da Igreja

São três os documentos conciliares que se referem expressamente a este aspecto: a constituição «Gaudium et Spes», sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo; a declaração «Dignitatis Humanae», sobre a Liberdade Religiosa; e o decreto «Inter Mirifica», sobre os meios de comunicação social.

A Constituição sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo é o documento mais extenso emanado do concílio. É dirigido não só aos católicos e cristãos não-católicos, mas a todos os homens.

Depois de uma introdução focando a condição do homem no mundo de hoje, sob a influência da ciência e da técnica, que trouxe consigo uma transformação profunda da mentalidade e das estruturas, entramos na primeira parte que trata da Igreja e da Vocação do Homem.

A segunda parte trata de alguns problemas mais urgentes, designadamente: a promoção da dignidade do matrimónio e da família; a conveniente promoção da cultura; a vida económico-social; a vida da comunidade política; a promoção da paz e da comunidade internacional.

Como este artigo já vai longo, não osumos deter-nos sobre os diferentes por-menores deste notável documento.

Tampouco iremos demorar-nos sobre a declaração que trata da Liberdade Religiosa, em virtude de já termos aborda-do extensamente o assunto no *Boletim* de Fevereiro.

Resta-nos fazer uma breve anotação ao decreto sobre os Meios de Comunicação Social. Refere-se à imprensa, ao cinema, à rádio, à televisão, e «a certas invenções deste género», incluindo «a antiga arte do teatro».

Chamando a atenção para o cuidado quanto à utilização dos meios de comunicação social de origem estranha à Igreja, procura fomentar a criação e o desenvolvimento destes instrumentos dentro da própria Igreja. Entre eles é dado especial realce à imprensa católica, à preparação de filmes católicos e à preparação de programas católicos para a rádio e a televisão.

Para atingir esse objectivo, torna-se necessária uma formação cuidadosa dos autores e daqueles a quem se destinam, bem como uma organização perfeita ao nível nacional e mundial.

O que dissemos acerca da possibilidade de aproveitamento por outras igrejas das ideias relativas à renovação da vida interior da Igreja Católica, poderia também dizer-se acerca de muitas ideias relacionadas com a actualização da sua vida exterior.

## O objectivo supremo — o Ecumenismo

Talvez não haja palavra que mais se tenha repetido a propósito deste Concílio do que a palavra «ecumenismo».

Com o movimento ou espírito ecuménico se relacionam o decreto «Unitatis Redintegratio», precisamente sobre o Ecumenismo, e a declaração «Nostra Aetate», sobre as relações da Igreja com as religiões não cristãs.

Segundo a definição apresentada pelo primeiro documento citado, «entendem-se por *Movimento Ecuménico* todas as actividades e iniciativas que, segundo as várias necessidades da Igreja e oportunidades dos tempos, são encaminhadas a promover a unidade dos cristãos, tais como: em primeiro lugar, todos os esforços para eliminar palavras, juízos e obras que não traduzam com equidade e verdade a condição dos irmãos separados e portanto tornem mais difíceis as mútuas relações com eles; depois, em congressos que se reúnem com intenção e espírito religioso entre cristãos de diversas Igrejas e Comunidades, o *diálogo* travado entre expositores devidamente preparados, no qual cada um explica mais a fundo a doutrina da própria co-

munidade e lhe apresenta as características» (pág. 263).

O objectivo final do ecumenismo não é a unidade tomando como ponto de partida a revelação contida nas Sagradas Escrituras, mas o agrupamento ou reagrupamento de todas as religiões não cristãs ou igrejas cristãs sob a chefia do bispo de Roma.

Nenhum protestante devia ter a mínima dúvida acerca deste objectivo. Com efeito, lemos acerca da «plenitude da graça e da verdade que foi confiada à Igreja Católica» (pág. 263); «só por meio da Igreja Católica de Cristo, que é o instrumento geral da salvação, se pode conseguir toda a plenitude dos meios de salvação» (pág. 263); «a Igreja Católica está de posse de toda a verdade revelada por Deus e de todos os meios da graça» (pág. 264).

Sendo assim, «a sua acção ecuménica não pode ser senão plena e sinceramente católica, quer dizer, fiel à verdade que recebemos dos Apóstolos e dos Padres, e concorde com a fé que a Igreja Católica sempre tem professado» (pág. 276).

No passado, a Igreja Católica tem procurado esse objectivo recorrendo a meios violentos. As páginas da história falam eloquentemente dos mártires que às suas mãos suportaram toda a espécie de sofrimentos e de morte para se manterem fiéis aos ensinamentos da Sagrada Escritura. A esse propósito se lê: «Com oração humilde, pedimos perdão a Deus e aos irmãos separados, como também nós perdoamos aqueles que nos possam ter ofendido» (pág. 266). Hoje pretende-se atingir o mesmo objectivo sem recorrer à violência.

Vemos, pois, que a estratégia permanece a mesma de sempre; o que mudou foi apenas a tática.

## Conclusão

Do exame que acabamos de fazer, podemos tirar três conclusões:

1. A Igreja Católica não alterou, nem requer num ápice, as suas posições doutrinárias.

2. Procurou novo vigor, renovando a sua vida interior e actualizando as suas relações com as novas condições do mundo.

3. Mais do que nunca, tenta agrupar-se debaixo da sua direcção, não só as igrejas cristãs, mas até as não-cristãs do mundo inteiro.

Se as igrejas cristãs saídas da Reforma estão dispostas ou não a deixar-se absorver depende da sua atitude em relação à Bíblia e aos princípios basilares pelos quais sofreram e morreram muitos dos seus antepassados.

# Página da Juventude



## Dois novos jornais dos jovens

Recentemente iniciaram a sua publicação o *Maranatha*, «Jornal dos Jovens da Igreja Adventista do Sétimo Dia do Lobito», e *O Enviado dos M. V. de Luanda*.

A ambas estas simpáticas publicações mimeografadas ficamos desejando longa vida.

## Acampamento Regional dos M. V.

De 12 a 26 de Março, 15 jovens de Benguela, Lobito e Catumbela acamparam no Cavaco-Praia, à sombra dos coqueiros, respirando a brisa fresca do mar.

Além das tarefas pertinentes a um acampamento — abastecimento de víveres, suprimento de águas, cozinha, limpeza, rondas noturnas, etc., tudo realizado a contento — tiveram os jovens suas Classes Progressivas, aulas de socorrismo, um percurso de oito quilómetros de pista previamente demarcada, pintura, concurso de modelação na areia, jogos e banhos de mar.

Passaram-se alguns filmes didácticos sobre a vida dos peixes e das abelhas.

Durante a estadia realizaram-se duas reuniões sociais, a última das quais abrilhantada pela presença de jovens de Luanda e Nova Lisboa, que estavam de passagem por Benguela.

Realizou-se a Semana de Oração,

no final da qual alguns jovens se entregaram a Jesus.

Foi este o segundo acampamento do género nesta área e estamos absolutamente convencidos da necessidade da sua continuação.

Que Deus abençoe a Sua Juventude e dê sabedoria aos seus dirigentes.

*José Pedro Falcão Sincer*



*Deolinda Correia Leite e Júlia Freitas Tarira numa colorida introdução ao sermão da noite*



Ladeado pelos jovens Manuel Joaquim Dias e A. Faustino, António Luiz Madeira de Carvalho faz a exposição do tema da noite

### A Voz da Mocidade em Luanda

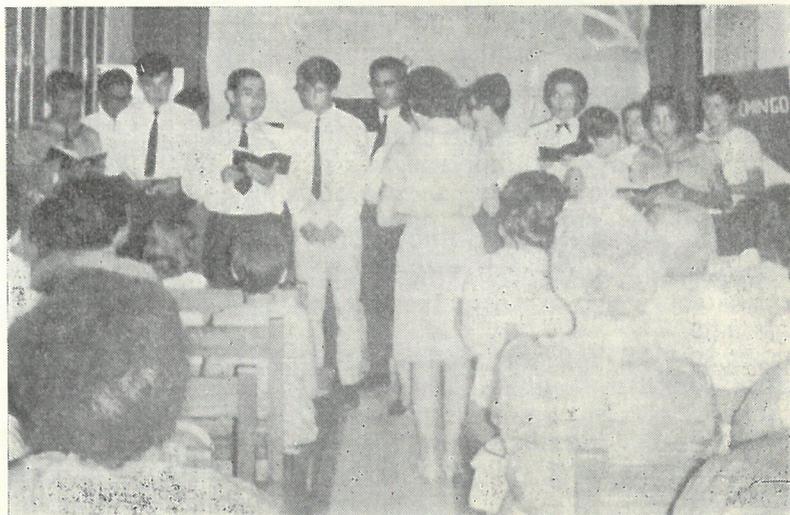
Sob a eficiente direcção do Departamento dos M. V., realizou-se em Luanda durante os meses de Janeiro, Fevereiro e Março a Campanha de Evangelização «A Voz da Mocidade».

Felicitemos os irmãos Correia Leite e José de Sousa, respectivamente director e vice-director daquele Departamento, pelo seu espírito de dedicação, consagração e pela maneira dinâmica como todos os programas foram organizados e apresentados.

Além do pastor da Igreja, colaboraram os jovens José de Sousa, Carlos Manuel Ramalho, Henrique Manuel Pereira da Silva, Francisco Silva Pinto e António Madeira de Carvalho, que revelaram grandes possibilidades para mais vastos empreendimentos na causa do Mestre.

Poesias, diálogos, representações várias, cânticos e coros muito contribuíram para dar a cada reunião uma nota de bom gosto e um ambiente de alegria.

Apreciámos imenso a actuação do Coro, que sob a direcção da simpática jovem Deolinda Correia Leite, se fez ouvir em cada reunião. Tam-



O Coro actuando numa das reuniões da Voz da Mocidade



*O Ir. Correia Leite falando à Juventude. Está ladeado pelos irs Joaquim Ferreira e F. Pinto*

bém as crianças — grupos primário e juvenil — orientadas pelas Irmãs Molly Miranda e Assunção Vicente, nos deliciaram com as suas vozes.

O cenário que embelezava a tribuna era da autoria do Ir. Pinto.

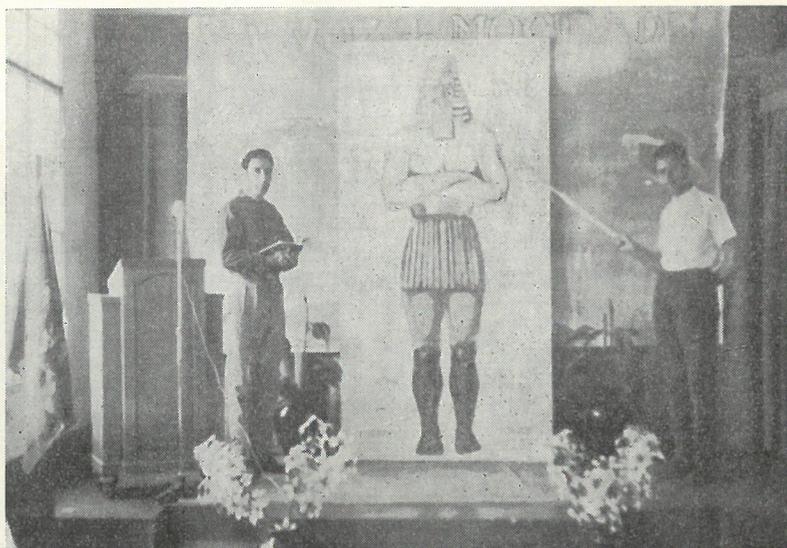
Tivemos ainda boa música ao piano pela Deolinda Correia Leite, Dina C. Leite, e Fernanda Maria Oliveira e Silva. O professor Scarlatti honrou-nos com um suavíssimo trecho de violino.

Esta Campanha de Evangelização terminou no Domingo, dia 26 de Março. O sermão — «Glorioso Amanhecer» — esteve a cargo do Pastor Miranda, que terminou com um veemente apelo à juventude. Por essa altura entrava na tribuna o Ir. Correia Leite, director dos M. V., com um facho iluminado, símbolo da Verdade. Um apelo foi feito a todos os jovens que desejassem manifestar a sua fé em Jesus, a sua aceitação do Evangelho, e o cumprimento do dever em partilhar a Verdade Presente com outros que ainda se encontram em trevas espirituais.

O facho simbólico da Verdade, único ponto luminoso na sala, foi passando pelas mãos dos jovens que responderam ao apelo e se reuniam em torno da tribuna. Setenta e cinco jovens deram o seu testemunho de fé.

A Campanha de Evangelização «A Voz da Mocidade» terminou. Porém os seus efeitos começam agora a sentir-se, e a projecção desta obra manifestar-se-á no futuro em jovens ganhos para a Verdade, e no

*Continua na pág. 29*



**Os irmãos Correia Leite e José de Sousa explicando uma importantíssima profecia bíblica.**

# Ecoss do Dia da Escola Sabatina

## Lembrando os membros mais velhos da Escola Sabatina

Em 11 de Março, dia da Escola Sabatina, foi dado especial relevo àqueles que são há mais tempo membros fieis e assíduos.

Não nos chegaram todas as informações que pedimos, mas passamos a transmitir algumas que já nos chegaram.

Da Igreja de Luanda escreve o



Entrevistando o Dr. Manuel Santiago Nogueira no dia da Escola Sabatina

Pastor Joaquim M. Miranda: «Este dia foi festivamente celebrado em Luanda. Tanto a igreja dos adultos como a dos jovens estavam gostosa-

mente decoradas, apresentando quadros alusivos à Escola Sabatina. Ele é membro da Escola Sabatina desde 1922, ou seja, desde os 5 anos de idade.



Aspecto da Igreja dos jovens à hora do culto no dia da E. S.

Eis o seu testemunho: «A recordação mais remota é a da apresentação do 13.º Sábado em que, com outros meninos, se ia à igreja fazer recitativos e cânticos. Recordo particularmente uma grande festa preparada pelo Pastor Lourinho, em que foi apresentada uma peça escrita por ele, passada nas missões em Africa, na qual fiz um *brilhante* papel de médico missionário. Também para mim é uma grata recordação os seis anos consecutivos em que fui director da Escola Sabatina na Igreja de Lisboa».

Tivemos a alegria de ter 33 visitas, uma belíssima assistência de membros, e ainda antigos membros da igreja, há bastante tempo ausentes, nos deram o prazer da sua presença».

Da Igreja de Sá da Bandeira, a Irmã Maria Vale envia o testemunho do membro mais antigo, que é a Irmã Natália Andrade Silvério. Começou a frequentar a Escola Sabatina em Maio de 1952, portanto há quase 15 anos. Sobre a primeira Escola Sabatina ela diz: «A primeira Escola Sabatina a que assisti foi ao ar livre no parque da Senhora do Monte. A impressão repousante e confortante desse estudo tem perdurado pela vida fora».

Da Igreja de Quilengues, o Pastor José de Sá diz: «O membro mais antigo da Escola Sabatina desta Missão é a Irmã Felícia Chicambi Augusto, que começou a frequentar a Escola Sabatina em Julho de 1952. Lembra-se de que alguns meses depois de frequentar a Escola Sabatina voltou para casa da família — estava então na Missão — mas o director a mandou buscar e veio em cima da bicicleta do mestre a quem soujou com «tacula» e reconhece que foi através da Escola Sabatina que tem adquirido conhecimento e guardado a fé».

Do Instituto do Bongo, o Ir. Henrique Paulino re-

lata que o membro mais antigo da Escola Sabatina é uma irmã que começou a frequentar no ano de 1924. Lembra que a primeira Escola



*Irmã mais antiga da E. S. do Bongo*

Sabatina foi realizada debaixo de uma árvore, onde se encontra hoje um pequeno marco.

No dia da Escola Sabatina, no Bongo estavam 671 pessoas, não contando as crianças. Muitos daqueles que ali se encontravam tinham começado como membros em criança e durante toda a sua vida tinham permanecido fieis.

*Joaquim Alegria Morgado*

#### Notícias de Sá da Bandeira

Foi escolhido no calendário adventista este dia, 11 de Março, como



*11.º Dia da Escola Sabatina em Sá da Bandeira*

Dia da Escola Sabatina.

Na nossa pequena igreja de Sá da **Bandeira** foi um dia de festa espiritual. Havia mais flores, e na tribuna um cartaz com os dizeres: «Dia da Escola Sabatina» e por trás um outro dizendo: «Cada membro da Igreja, membro da Escola Sabatina».

Pouco a pouco o nosso salão foi-se enchendo e iniciámos o programa com um considerável número de membros e visitas. A salinha das crianças era pequena também para conter tão grande número de visitas, muitas delas vindas pela primeira vez e ansiosas por ouvir falar de Jesus, por ouvir contar lindas histórias, aprender os hinos infantis, etc. Registo por curiosidade o número de visitas: trinta e sete.

Algumas das nossas crianças colaboraram no programa dos adultos com um lindo hino e algumas poesias. Neste programa, depois de algumas considerações sobre a finalidade da Escola Sabatina e sobre a responsabilidade de cada indivíduo se dedicar ao estudo da Palavra de Deus, a directora entregou ao membro mais antigo da Escola Sabatina de Sá da Bandeira, a Ir. Natália Silvério, uma pequena recordação.

Esta irmã agradeceu em breves palavras e manifestou o seu interesse pelo estudo da Palavra de Deus e exortou a todos à fidelidade no estudo diário.

Depois do estudo da lição, a Ir. Deolinda Fernandes falou-nos com muito relevo acerca da carta missionária. Foi com saudade que a ouvimos, pois esta irmã irá em breve deixar-nos, para se ir juntar a seu filho, estudante de Medicina, na Metrópole. Foram-lhe dirigidas palavras de agradecimento pela sua pronta e boa colaboração e votos de bênçãos do Senhor.

O nosso programa terminou com a oração do Pastor A. Rodrigues que, depois do culto solene, reuniu todos os presentes no jardim da igreja para tirar uma fotografia

que ficou como recordação deste feliz dia.

A directora da Escola Sabatina,

*Ana Maria Vale*

### Aldeia de Chilimba

No dia 11 de Março de 1967 tivemos uma belo Sábado. Foi o dia das visitas. Uma semana antes foi anunciado aos nossos membros que convidassem os seus amigos.

Durante a semana aprendemos muitos hinos especiais, e ensinei os alunos a apresentarem a experiência da menina Sílvia, tal como veio no «Auxiliar dos M. V.».

Chegou o Sábado, pelo qual tanto ansiávamos. Começámos o programa da Escola Sabatina como de costume. Esperámos as nossas queridas visitas que durante a semana convidámos. As primeiras visitas que nos apareceram foram: o Sr. Regedor Venâncio da Silva Lambo e a sua Exma. Esposa. Depois deles entraram duas meninas e cinco crianças. Passaram alguns minutos sem vermos outras a entrar. Pensámos logo na parábola das bodas, porque os convidados não vinham a tempos e horas. Ficámos um pouco desanimados. Depois de alguns minutos, reanimaram-se os nossos corações quando vimos na porta da entrada o senhor Agente Sanitário de Assistência Rural e sua Exma. Esposa, mais dois professores da Escola Primária da Catanda. Entraram e assistiram connosco ao resto da Escola Sabatina.

Este Sábado foi rico em tudo, principalmente em hinos especiais. No fim da Escola Sabatina os alunos apresentaram a experiência que acima mencionei. Foi apreciada por todos os assistentes, especialmente pelas nossas visitas.

Depois da Escola Sabatina, seguiu-se o culto solene pelo Ancião Boaventura Venâncio. Neste Sábado tivemos o total de treze visitas.

A tarde tivemos outra reunião, e muitos hinos especiais ainda foram cantados. Sem dúvida o Senhor

abençoou-nos grandemente neste dia. O mestre Cardoso Chitanda, que veio visitar-nos neste dia, encarregou-se da pregação da tarde.

Esperamos que a semente lançada nos corações das nossas visitas seja bem regada e dê muitos frutos. Que Deus abençoe grandemente as nossas visitas da Escola Sabatina de todo o mundo.

*Maravilho Adriano*

#### **Aldeia de Caringo — Gungue**

Sábado, 11 de Março de 1967, foi um dia muito especial para nós. Na sexta-feira anterior convidámos muitas visitas para tomarem parte connosco na Escola Sabatina.

No Sábado de manhã, antes de começar a Escola Sabatina, vimos logo as visitas a chegarem. Nós, com muita alegria, recebemo-las muito bem. O nosso programa foi muito rico em hinos especiais e histórias contadas pelos membros da Igreja. Antes de terminar o programa da Escola Sabatina, o diácono Paulino Chipa contou como aceitou a nossa fé adventista do sétimo dia.

A princípio custou-lhe a aceitar, porque tinha muitos porcos, mas mesmo assim Deus tocou-lhe o coração. Depois deixou tudo. Foi a primeira pessoa a edificar a sua casa no local da nossa aldeia. Isso foi no tempo do mestre Bartolomeu Baraca.

Quando saímos as visitas ficaram muito contentes com as coisas que viram. Que Deus abençoe o dia das visitas, e que dele resultem muitos frutos.

*Tomás Agostinho*

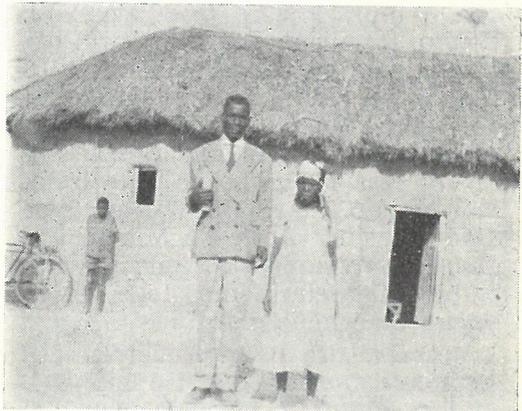
#### **Valeriano Caiumba e a sua recordação**

Temos o prazer de agradecer à Divisão, através da União, a ideia de se dar um prémio aos membros mais antigos da Escola Sabatina.

Quando recebemos a circular do Secretário deste Departamento, em que se nos pedia para entregarmos o prémio da Escola Sabatina ao

membro mais antigo, ficámos perplexos, pois não sabíamos a quem caberia.

Finalmente, disse o Pastor Vasco Sepalanga que o membro mais velho se encontrava na sua área. Combinei com o Pastor Vasco para se avisar o velho Caiumba, a fim de nos encontrarmos na Central de Guerengue. No dia combinado, logo pela manhã cedo, apareceram o velho Caiumba e sua Esposa. Estes começaram logo a contar a sua longa história, de como aceitaram a



*Valeriano Caiumba e sua Esposa*

mensagem. Depois da dita história, apresentou-me algumas folhas escritas por ele. Gostei do seu conteúdo e assim extraí as seguintes palavras:

Aceitei a Igreja Protestante em 1919. No dia 2 de Agosto de 1922 realizei o meu casamento. No mês de Junho de 1924, fui trabalhar como contratado no Posto do Lépi, e estive em casa do Sr. António Marques Carvalheiro como criado.

Certa manhã de Sábado, ouvi cantar um hino que eu conhecia em umbundu, mas que era cantado em inglês. Aproximei-me para ver os que cantavam. Encontrei numa casa vizinha que o Sr. Anderson e D. Isabel Anderson acabavam a Escola Sabatina. Cumprimentei-os e perguntei-lhes se eram missionários, ao que me responderam que sim. Perguntei também se eram protes-

tantes. Ele disse-me que eram adventistas do sétimo dia. Quando saímos para fora, mostrou-me as rochas do Bongo e disse-me que lá se edificaria a Missão.

Ao sair dali, o meu patrão ficou muito zangado comigo, dizendo que eu não devia falar com os judeus.

Depois do contrato, fui à aldeia e falei com os meus parentes Longuia I, Freitas e Troco, acerca do novo missionário e da nova Missão que pensava construir no Bongo.

Depois de uma semana ouvimos que os missionários já estavam no Bongo. Resolvemos ir vê-los. No dia combinado partimos, o Freitas, o Troco e eu. Às 10.30 horas chegámos ao Bongo. Encontrámos ali os Srs. Bredenkamp e Baker. Perguntámos se era essa a Missão de que tínhamos ouvido falar. O Sr. Baker disse logo que sim. «Aqui é a Missão. Peguem na ferramenta, vamos ao trabalho». E assim fomos logo trabalhar até ao meio dia.

Nessa altura o Sr. Anderson e a senhora estavam ainda no Lépi. Depois de almoçar, pedimos se podíamos voltar a casa para buscar as nossas famílias, e os missionários concordaram. (Nessa altura já estavam como serventes três pessoas de Macanjila, mas não aceitaram dormir ao pé dos missionários. Eram: Cambanje, Cintura e Semente).

Voltámos para a aldeia. Era o dia 3 de Julho de 1924. No dia seguinte, resolvi ir outra vez à Missão. Os outros não aceitaram, dizendo que não estavam preparados. Deixei a minha mulher, e sozinho cheguei ao Bongo no dia 4 de Julho. A senhora pôs-me na cozinha a lavar os pratos. À noite fizeram o culto comigo. O Sr. Bredenkamp leu João 3:16. Depois da última oração foram para a tenda, e eu dormi numa pequena cabana.

No dia seguinte, veio o Ir. Troco. Dois dias mais tarde, chegou o Ir. Lote Chipilica, ambos já falecidos. Foram aqueles irmãos que assistiram comigo à primeira Escola Sabatina, debaixo da árvore onde está

situada a casa com o primeiro andar. Depois apareceram os nossos parentes, que tinham ficado em casa: Seculo Freitas, Seculo Dias Folia, Daniel Cangola como pedreiro, Seculo Estêvão, Mestre Quelope, com as irmãs Vaiequela, Etosi, Catoa, Mandeca e Chinacussoqui.

Em 1925, chegou o Doutor Tongue, Dona enfermeira-mor, professor Artur de Oliveira.

Apareceu mais o Seculo Sambongo e Longuia II e Siria.

Lembro também que o Seculo Dias trouxe às costas o seu primeiro filho Gomes Dias e ao lado o seu sobrinho Cassinda Maravilho. A Irmã Vaiequela trouxe ao colo seu filhinho Balança, actual Pastor Pedro Balança de Freitas.

Quando queriam recordar o nosso tempo os missionários tiravam-nos algumas fotografias. Como se pode ver no Boletim de Abril de 1964, pág. 7. A primeira a contar da esquerda é minha esposa e o primeiro também da esquerda sou eu mesmo!

Dou graças a Deus pois me mostrou o grande progresso da Escola Sabatina. Éramos três na primeira Escola Sabatina e hoje o número subiu para mais de 31.000.

Deus sempre me livrou dos perigos da morte: primeiro, salvou-me do Rio Cunene; depois, da boca do leão; finalmente, de uma faísca.

Prezados irmãos e irmãs, quando quis olhar para as coisas detrás, o Senhor me ajudou e ainda hoje, passados 43 anos, sou membro da Escola Sabatina e a minha esposa também o é. Não sabemos se Jesus nos encontrará nesta vida ou na sepultura, mas pedimos as orações dos irmãos para que, quando Jesus vier, possamos com a Mandeca responder: Eis-nos aqui, Senhor!

Prezado leitor, o nosso irmão ainda contou muitas outras experiências tidas no trabalho de Deus. Foi à Missão da Luz, e ali fundou a escola de Chipepe.

Quando se pergunta por aqueles

que assistiram à primeira Escola Sabatina, geralmente todos querem levantar-se. Mesmo os que não tinham nascido naquela altura ou sejam os que não tinham aceitado a mensagem, todos gostariam de ter tido parte naquela primeira Escola Sabatina. O tempo passou e nós não podemos recuperar o que atrás fica. Mas, prezados irmãos e irmãs, ainda há outra oportunidade maior e excelente, a de termos parte na primeira Escola Sabatina no reino dos Céus. Eu desejo lá estar. Certamente que todos nós o desejamos. Portanto deixemos todo o embaraço e o pecado que tão de perto nos rodeia e corramos com paciência a carreira que nos está proposta.

*Isaque Diamantino Tadeu*

### O Socorro Adventista em acção na Itália

*Continuação da pág. 14*

nistradas, é um precioso testemunho da generosidade, da extraordinária capacidade de trabalho dos membros da nossa igreja e, acima de tudo, do amor que os anima. Podemos orgulhar-nos por pertencer a um povo tão unido e generoso. Fomos felizes por poder contar com o auxílio financeiro do fundo criado na Conferência Geral em favor das Vítimas da Fome e dos Cataclismos, e por isso é certamente com o coração cheio de gratidão que contribuiremos no próximo dia 13 de Maio, para alimentar esse fundo especial.

Queira o Senhor ajudar-nos a dar com alegria a favor dos que sofrem, a não reccar sacrifícios e a manifestar o espírito de amor d'Aquele que «sendo rico... Se fez pobre», para que, por nossa vez, saibamos dar provas de uma grande generosidade.

\* \* \*

Temos a satisfação de anunciar que o Fundo a favor das Vítimas da Fome e dos Cataclismos pôs à disposição da população sinistrada

da Itália do Norte, por intermédio do «Socorro Adventista», a soma de 6.000 dólares (180 contos). Isto representa mais de metade do alvo a atingir em nossa Divisão.

*Departamento das Actividades Laicas  
Divisão Sul-Europeia*

### Página da Juventude

*Continuação da página 23*

Além em candidatos para o Reino de Deus.

Os nosos agradecimentos a todos os que, pela sua colaboração, tornaram possível esta Campanha de Evangelização. Imploramos as vossas orações em favor daqueles 75 jovens.

*Joaquim de Matos Miranda*

### A VOZ DA MOCIDADE

(Letra de J. Correia Leite, para a qual foi composta a música por Deolinda Correia Leite. Este hino foi usado durante a Campanha de Evangelização da Voz da Mocidade, em Luanda).

*Eis «A Voz da Mocidade»  
— Mocidade Adventista;  
Eis o facho da Verdade,  
Não há treva que resista.*

Coro

*Rapazes e raparigas  
Desta mui nobre Cidade:  
Deixai as vossas fadigas,  
Vinde à «Voz da Mocidade».  
Vinde escutar sem demora  
A mensagem que Deus manda  
Ao Domingo, a esta hora,  
À Juventude de Luanda.*

*Eis «A Voz da Mocidade»  
Vem em nome do Senhor;  
Quer encher esta Cidade  
De esperança, paz e amor.*

*Eis «A Voz da Mocidade»  
Prega a Volta de Jesus;  
Traz alívio e caridade,  
Salvação, promessa e luz.*

# Notícias do Campo

## João Ascensão Esteves

De regresso da Metrópole, chegou a Angola em 25 de Março o Ir. João Ascensão Esteves, que voltou a assumir a direcção do Campo Missionário do Lucusse.

## Maria Ivone Rodrigues

No mesmo dia chegou a Ir. Maria Ivone Rodrigues que passa a trabalhar em Nova Lisboa, nos escritórios da sede da União.

## Inauguração da Igreja do Lobito

Em 18 de Fevereiro, pelas 14:30 horas, com a presença do Senhor Administrador do Concelho do Lobito, Presidente da Câmara Municipal, Director Escolar Distrital e Inspector Escolar, inaugurou-se o edifício da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

O edifício com lugares para 240 pes-

soas sentadas estava repleto e por isso muitos ficaram de pé.

Estiveram presentes ao acto o Presidente da União Angolana dos Adventistas do Sétimo Dia, Pastor Ernesto Ferreira, o Secretário Tesoureiro da mesma União, o Pastor da Igreja de Sá da Bandeira e o Pastor local.

O sermão esteve a cargo do Pastor Ernesto Ferreira.

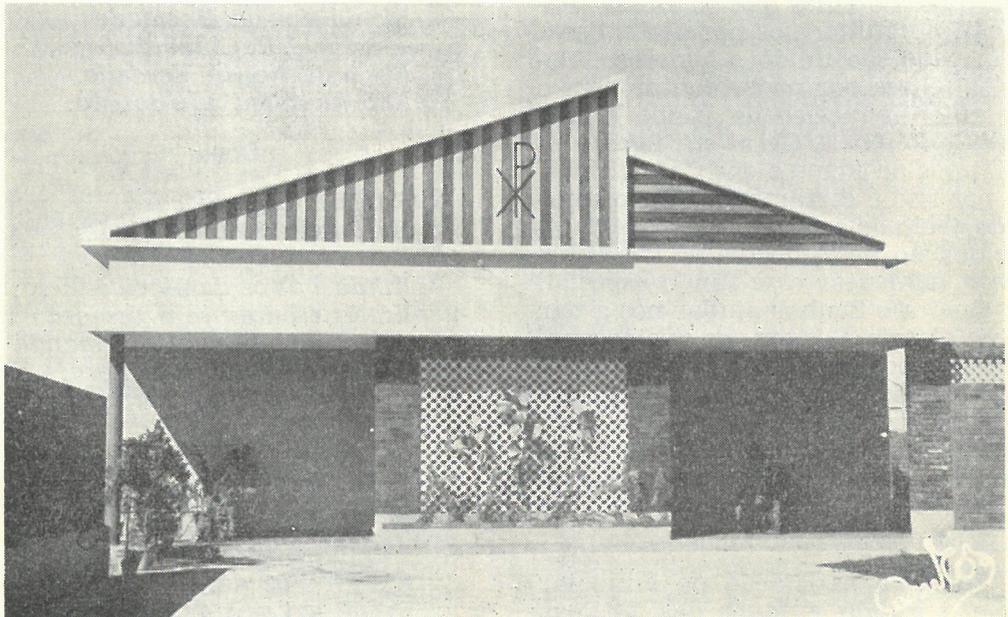
Fizeram-se ouvir, além de um quarteto musical da Igreja de Benguela, os coros das Igrejas de Benguela e Lobito.

Uma jovem recitou uma poesia alusiva ao acto da inauguração.

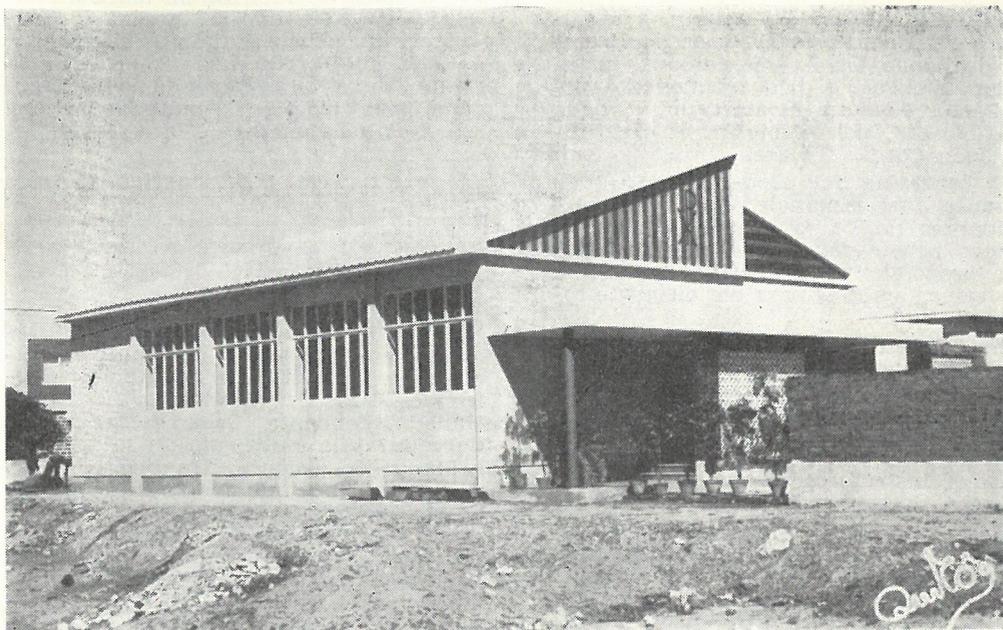
O Movimento Adventista nesta cidade iniciou-se em 1 de Maio de 1958, mui modestamente, no apartamento n.º 2 do Prédio de Pires e Santana.

Em 1 de Maio de 1961, pela exiguidade das dependências, a igreja passou-se para a Avenida Silva Carvalho. E como continuasse a crescer e não houvesse mais lugar pensou-se em construir de raiz.

Assim adquiriram-se seis lotes de terreno entre as Ruas da Cidade de Mocimedes, Porto Amboim e Novo Redondo, com a área de 6 000 m<sup>2</sup>, onde se começou com a construção do templo, devendo seguir-se em breve a construção de uma escola primária, de um anfiteatro para



*Novo Templo Adventista do Lobito*



*Outro aspecto da Igreja do Lobito*

audições e edifício para os departamentos de beneficência «Sociedade de Dorcas» e missionário «Sociedade Missionária» e um parque para automóveis.

*José Pedro Falcão Sincer*

#### **Convenção de Dirigentes no Bongo**

De 13 a 25 de Março do ano em curso tivemos no Instituto do Bongo a Convenção dos Dirigentes.

Dois dias antes do início, apareceram no carro do director da Missão do Cuale

rios de Angola. Foi orador neste Sábado o Pastor Joaquim Alegria Morgado, secretário de Departamentos da União.

No Domingo, dia 13, todos os pastores e dirigentes ocuparam quartos no dormitório masculino do Instituto. Cada um procurou pôr tudo em ordem, de forma a poder no dia seguinte começar com as aulas.

Antes de começarmos com os nossos trabalhos da Convenção, a Direcção procurou saber se todos os componentes vindos de diferentes Distritos e Concelhos estavam munidos das devidas guias, as quais foram apresentadas na Administração do Concelho do Longonjo.

Antes das 8:00 horas do dia marcado, todos estávamos reunidos em frente da Escola. Trocaram-se ali grandes e fraternais saudações em três dialectos: «Mwoyo weno», para os quicocos do Luso; «Wa sekele kiabote», para os vindos de Malanje; e «Akombe veyá, akombe veyá cimue», para os do planalto central de Angola — Nova Lisboa, Bongo e Caconda. Aquelas saudações não chegaram ao fim porque se ouviu o sinal de entrada para a primeira devoção, que foi dirigida pelo Pastor Ernesto Ferreira, presidente da União.

Após a devoção, entrámos na primeira aula e a nos foram distribuídas agendas sobre a marcha da Convenção, com o lema: «Não havendo sábia direcção o povo cai; mas na multidão de conselheiros há segurança». Provérbios 11:14. Na mesma agenda, as disciplinas estavam distribuídas da seguinte sorte: «Actividades Pastorais», «Vocação e Vida do Di-



*Obreiros que participaram na Convenção de Dirigentes*

pastores daquele campo. No Sábado, 12, tivemos já muitos pastores na Missão, vindos de diferentes Campos Missionários

rigente» e «História da Nossa Igreja», pelo Pastor Ernesto Ferreira; «Fisiologia e Higiene», pelo Director do Hospital do Bongo, Dr. Roy B. Parsons; «Doutrinas Bíblicas» e «Departamentos», pelo Pastor Joaquim A. Morgado; «Língua Portuguesa», pelo Professor do Instituto, João Cordas Tavares.

O programa foi obedecido e seguido durante duas semanas. Alguns dos participantes no Curso expressaram o seu apreço pela oportunidade que o Senhor nos proporcionou de receber instruções tão sábias e sadias para um dirigente religioso.

No primeiro dia da segunda semana do curso apareceram outros obreiros — catequistas-professores — vindos dos Campos Missionários de Nova Lisboa e Bongo, a fim de assistirem a uma outra convenção a eles destinada. Tiveram os mesmos instrutores. Para a Língua Portuguesa tiveram o Professor Catarino.

Com o Pastor Ferreira esteve a sua esposa no Bongo durante a Convenção. Enquanto o pastor ensinava na aula a senhora tirava alguns momentos para visitar os doentes no Hospital. Dava gosto como ela apertava a mão a um e sorria para outro, desejando boas melhoras a todos.

No meio da última semana tivemos a visita do Pastor E. L. Jewell, secretário-tesoureiro da mesma União Angolana. O Pastor Jewell salientou a necessidade da parte dos membros de igreja de serem fieis conforme disse a Bíblia, para o avanço da Obra de Deus nesta terra. Para não serem esquecidos os exemplos por ele apresentados, distribuiu a todos o livrinho «O Ouro de Deus nas Minhas Mãos».

Será digna de recordação a disposição do Pastor Morgado que, além das disciplinas que dava durante o dia, supria os pedidos financeiros que os obreiros de todos os Campos Missionários lhe faziam.

Agradecemos a boa vontade do Ir. Henrique Paulino, preceptor do dormitório masculino do Instituto, que dirigiu sabiamente a pensão, sendo fornecidas três refeições diariamente.

Dia 25 foi o último Sábado. O Pastor Ferreira dirigiu-nos uma mensagem inspiradora. Falou sobre o filho pródigo e o seu irmão mais velho, extraindo da experiência deste lições para os membros de igreja. Ao finalizar esta Convenção, é com muitas saudades que vemos os nossos irmãos e colegas no ministério partirem para os seus campos de actividade. Que Deus os abençoe!

Pedimos aos nossos dirigentes que na medida do possível nos proporcionem anualmente cursos como este. Pois dizemos com Mário Gonçalves Viana: «Impõe-se, por consequência, a criação de cursos de dirigentes, de escolas de che-

fes, capazes de valorizarem aptidões naturais, disciplinando-as, desenvolvendo-as e dando-lhes sentido e eficiência». — *Arte de Dirigir*, pág. 125. E a nossa agenda disse: «Não havendo sábia direcção o povo cai; mas na multidão de conselheiros há segurança». Prov. 11:14.

*Isaque Diamantino Tadeu*

### Missão do Quicuco

No dia 11 de Março, enquanto se encontrava de visita ao Concelho de Quiquengues, o Sr. Governador do Distrito da Huila, Intendente Celso Herminio de Carvalho Vila Nova, dirigiu-se também à Missão do Quicuco. Transcrevemos do *Jornal da Huila*, de 16 de Março, a seguinte breve referência a essa visita:

«Perto do Quicuco, a Missão Adventista do 7.º Dia, instalada nesse lugar, quis prestar as suas homenagens ao primeiro magistrado da Huila, fazendo juntar, aí, alguns professores, o seu director, sr. José de Sá, e uma parte dos seus alunos, que entoaram o hino nacional.

«Depois, acedendo ao convite que lhe foi feito, o sr. intendente Vila Nova visitou o magnífico edificio escolar da Missão Adventista do Sétimo Dia, onde seguiu com vivo interesse as explicações que lhe foram prestadas pelo sr. professor António Fernando Narciso.

«Nesta escola, frequentada por 150 alunos dos dois sexos, em regimen de internato, é ministrado o ensino primário até à 4.ª classe, havendo também uma secção de artes e officios, que está sem carácter oficial. O edificio, situado num ponto alto duma airosa fazenda, dispõe de instalações de aspecto modesto mas bem arejadas e muito limpas».

---

*«Obreiros de Cristo nunca devem pensar, muito menos falar, em fracasso em sua obra. O Senhor Jesus é nossa eficiência em todas as coisas; Seu Espírito tem de ser nossa inspiração; e ao colocarmo-nos em Suas mãos, para ser veículos de luz, nossos meios de fazer bem nunca se esgotarão. Poderemos haurir de Sua plenitude, e receber daquela graça que desconhece limites». — Obreiros Evangélicos, pág. 17.*